

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Humor e prazer perante a alegria e o infortúnio dos outros:
Identificação empática, contágio emocional ou prazer malicioso?

Mariana Catalão Monteiro

Trabalho de dissertação submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia das Emoções

Orientador:
Doutora Patrícia Arriaga, Investigadora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Setembro, 2011



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Humor e prazer perante a alegria e o infortúnio dos outros:
Identificação empática, contágio emocional ou prazer malicioso?

Mariana Catalão Monteiro

Trabalho de dissertação submetido como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia das Emoções

Orientador:
Doutora Patrícia Arriaga, Investigadora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Setembro, 2011

Agradecimentos

Agradeço a todos os participantes que se disponibilizaram a participar neste estudo, sobretudo àqueles que, sem qualquer ganho ou motivação que não fosse a de ajudar, se deslocaram ao ISCTE, num gesto de amizade.

Agradeço também às amigas com quem discuti conceitos, procurando opiniões “isentas” de quem está de fora, que me ajudaram em traduções técnicas e que foram “cobaias” para que eu testasse equipamentos, materiais e medidas.

Finalmente, agradeço à minha orientadora que senti sempre disponível e que nalgumas situações me ajudou a focalizar e a ser pragmática, de modo a conseguir terminar o trabalho. Obrigada ainda pelo contágio da boa energia, de quem gosta e se envolve no que faz!

E como o trabalho é sobre o humor, agradeço a todos os que me fazem rir e que comigo partilham o seu riso!

“Respeito muito minhas lágrimas

Mas ainda mais minha risada”

Caetano Veloso

Resumo

Neste trabalho apresentam-se as conclusões de um estudo experimental que pretendia avaliar respostas afectivas perante a alegria e o infortúnio dos outros em contextos de humor, nomeadamente o prazer, a activação, o controlo, a identificação empática e eventuais diferenças individuais nas respostas em termos de empatia, contágio emocional ou estilos de humor.

O estudo foi desenvolvido em duas fases. Inicialmente foi recolhida informação sobre algumas características individuais dos participantes. Na segunda fase, os participantes visionaram três vídeos: um vídeo que mostrava pessoas em situações de acidentes/infortúnios, num contexto cómico, outro exibindo pessoas rindo ininterruptamente e um terceiro considerado “neutro”. Durante o seu visionamento, foi recolhida a actividade electrodérmica e aplicadas algumas medidas de autorrelato para aferir o que os participantes sentiram em cada situação.

Em função do grau de prazer reportado, foram constituídos três grupos: quase metade da amostra revelou mais prazer com os acidentes cómicos; outro grupo manifestou mais prazer com os ataques de riso e um terceiro reportou igual prazer perante ambas as situações. Não foi identificado prazer malicioso significativo, nomeadamente face aos acidentes, sugerindo que os excertos de acidentes poderão ter sido percebidos num registo de brincadeira inconsequente.

O grupo que revelou idêntico prazer nos dois vídeos parece assumir uma predisposição para experienciar um entusiasmo generalizado, independentemente dos estímulos.

Os resultados foram analisados no âmbito de algumas abordagens teóricas, sendo propostas novas direcções de investigação futura.

Palavras-chave: Humor; respostas afectivas; Schadenfreude; empatia; contágio emocional.

Abstract

This work's aim was to study affective reactions in face of others' misfortune and joy in humour contexts, namely pleasure, arousal, dominance, empathic identification and possible individual differences in these reactions, in terms of empathy, emotional contagion or humour styles.

In this experimental study, data was collected in two different moments. In the first one, participants had answered empathy, humour and emotional contagion self-report measures. In the second moment, participants saw three different films: one showing people falling in a comic way and having funny accidents, another showing people in a "can't stop laughing" situations and a neutral one. In order to get information about what participants felt in these situations, skin conductance and self-report measures was collected.

According to the level of pleasure reported, three groups were found: the large one, almost half of the sample, reported more pleasure with the comic fallings; other reported more pleasure with the "can't stop laughing" film and a third one, reported equal pleasure in both situations.

Schadenfreude was not found, not even in face of the comic fallings film, and it's seems like this film was considered as a funny and inconsequent situation.

The group that reported equal pleasure in both films seems to have a tendency to experience a generalized enthusiasm, independently of the stimuli.

Results were analysed in the context of some theoretical approaches and some issues were identified for future research.

Key-words: Humour; affective reactions; Schadenfreude; empathy; emotional contagion.

Índice

1 - Introdução	1
1.1 - As diferentes tonalidades do humor	2
1.1.1 - Abordagens teóricas no estudo da psicologia do humor	3
1.2 – A empatia e o contágio emocional: Qual o seu papel nas respostas afectivas perante a alegria e o infortúnio dos outros?.....	5
1.3 – Rir dos outros implicará sentir Schadenfreude?	8
1.4 - Objectivos.....	10
2 - Método	12
2.1 - Participantes	12
2.2 - Material e Medidas	12
2.2.1 - Vídeos.....	12
2.2.2 - Medidas	13
2.3 - Procedimento	20
3 - Resultados	22
3.1 - Análise das qualidades psicométricas das escalas utilizadas.....	22
3.2 - Análise da manipulação	25
3.2.1 - Exposição prévia aos vídeos	25
3.2.2 – Percepção quanto à natureza dos vídeos.....	26
3.3 - Comparações entre grupos em função do prazer perante o visionamento de Acidentes Cómicos e Ataques de Riso	27
4 - Discussão	33
5 - Referências.....	39
Anexos.....	42

Índice de Quadros

Quadro 3.1 – Percepção dos participantes quanto aos três vídeos.....	26
--	----

1 - Introdução

Muitas pessoas já terão passado pela situação de não conseguir conter o riso, ou fazê-lo a muito custo, perante a queda accidental de outra pessoa, independentemente de a conhecerem. Que tipo de emoção estará associado a esse riso? Será prazer, um tipo de prazer malicioso sentido com o infortúnio alheio? Ou será antes um divertimento, uma forma de se banalizar a realidade, como se de uma brincadeira inconsequente se tratasse? Será que é atribuída alguma gravidade à situação ou serão percebidas consequências negativas para a pessoa alvo da queda? Poderá ainda esse riso ser uma expressão de ansiedade ou desconforto?

Por outro lado também nos rimos simplesmente porque vemos alguém num ataque de riso, em contextos de divertimento, em situações sem consequências negativas percebidas, nem riscos associados. Nestes casos, será puro contágio perante a emoção observada? Mimetismo face ao que observamos? Será relevante nesse comportamento a eventual identificação sentida face à pessoa observada?

Outras questões suscitaram o nosso interesse. Por exemplo, existirão diferenças nas emoções reportadas entre assistir-se a uma queda de alguém e ver-se uma pessoa num ataque de riso? Será que no primeiro caso, perante a queda, nos “rimos de”, à conta da pessoa que cai e de uma ridicularização que a ela associamos? E na segunda situação, confrontados com o ataque de riso, “rimo-nos com” a pessoa, partilhando com ela a emoção experienciada? E será que as respostas dadas nestes dois contextos estão dependentes de diferenças individuais, nomeadamente do tipo de humor habitual, da empatia e/ou do contágio emocional? O que se sente, ou pelo menos o que se diz sentir, será influenciado pelo perfil em termos de experiência empática ou estilo de humor?

Estas são as questões principais do presente trabalho. Para o efeito, efectuou-se um estudo experimental colocando-se os participantes perante vídeos com pessoas em situações de quedas cómicas e pessoas com ataques de riso. As respostas - fisiológicas, emocionais e cognitivas - dos participantes face ao conteúdo dos vídeos, foram analisadas e cruzadas com a informação previamente recolhida sobre diferenças individuais, em termos de estilo de humor, empatia e contágio emocional, dos mesmos participantes.

1.1 - As diferentes tonalidades do humor

Para Martin (2007), o humor, enquanto processo psicológico, envolve quatro componentes: uma resposta emocional de contentamento intenso (*mirth*, no original¹); um contexto social, uma vez que tende a ocorrer quando estamos com outras pessoas, ou quando imaginamos ou recordamos algo envolvendo outros; um processo cognitivo associado à percepção de algo incongruente ou inesperado; e uma expressão facial, vocal ou comportamental, através do sorriso ou do riso.

Na opinião deste autor, uma abordagem alargada e integradora da psicologia do humor implica considerar as quatro componentes. No entanto, a ocorrência do humor não pressupõe que todas se verifiquem em todas as ocasiões. Por exemplo, a emoção associada ao humor pode ser sentida sem que a sua expressão - o riso ou o sorriso - se manifeste. A activação fisiológica e o riso parecem ser independentes, ainda que correlacionados, sendo que a primeira resulta da vivência da emoção associada ao humor e não do riso (Martin, 2007). Foster, Webster e Williamson (2002) mostraram, numa situação em que os participantes não expressaram riso, que a activação fisiológica (frequência cardíaca e actividade electrodérmica) estava associada a uma emoção que os mesmos foram levados a experienciar, por via da recordação e da imaginação. Por outro lado, o riso ou o sorriso podem reflectir estados emocionais não associados ao humor, manifestando-se, por exemplo, em contextos de ansiedade ou em situações de embaraço (Vaid, 1999).

Para Provine (2000) o riso pode ser contagiante e, nessa perspectiva, trata-se de uma resposta involuntária. Essa característica parece residir no facto de existir um circuito neuronal que funciona como um detector auditivo de gargalhada que gera idêntico comportamento por parte de quem ouve o som. Este autor questiona ainda a possibilidade de ocorrer o equivalente, em termos visuais.

Panksepp (1998), baseando-se em estudos com animais mamíferos identificou sete sistemas emocionais e integra o riso num desses sistemas, o “*Play*”, que associa ao desenvolvimento de competências sociais. Para este autor, o riso é definido como um movimento respiratório sem aparente função, que não seja a eventual sinalização aos outros

¹ São vários os termos usados pelos diferentes autores para designar a emoção associada ao humor: *mirth*, *amusement*, *exhilaration*, *cheerfulness*, *merriment*, *funniness*. Neste estudo optou-se pelo uso de divertimento/contentamento, indicando-se entre parêntesis o termo original sempre que relevante.

do nosso estado emocional e da disposição face aos outros. Defende ainda que o riso e o sorriso estão associados à activação de diferentes sistemas no cérebro. Destaca que o riso não é aprendido por via da imitação, dado que crianças cegas e surdas também o fazem, e associa-o a um comportamento de vitória que poderá ser sentido nos jogos e brincadeiras durante os quais o sistema “Play” é activado. Este sistema permite o desenvolvimento da competitividade e facilita comportamentos de cooperação que podem fortalecer laços afectivos. Porém, destaca também um “lado negro” do riso, já que pode estar associado a um prazer por ver outros humilhados, envergonhados ou magoados.

1.1.1 - Abordagens teóricas no estudo da psicologia do humor

Existem várias abordagens teóricas no estudo da psicologia do humor, pelo que abaixo se apresentam apenas as consideradas mais relevantes para o presente estudo.

Na visão psicanalítica de Sigmund Freud (1928, citado por Martin, 2007), o humor pode ser considerado um mecanismo de defesa, que nos permite fazer face a situações difíceis, como a vivência de emoções negativas (e.g., medo, tristeza, raiva). Para Freud o riso tinha como função libertar o excesso da energia do sistema nervoso.

O humor foi igualmente estudado no âmbito de abordagens teóricas que enfatizam a vertente agressiva e a sua natureza depreciativa (*disparagement theories*). Existem registos desta visão desde a Grécia Antiga. Para Platão (428-348 AC) o riso derivava da malícia. Séculos mais tarde, o filósofo inglês Hobbes (1588-1679) defendia que nos rimos de quem se encontra em piores condições que nós, dando-nos a noção de uma superioridade sobre o outro (cf. Martin, 2007). Actualmente e ainda neste contexto, Grunner (1997, citado por Martin, 2007) defende que habitualmente, e mantendo constante outras variáveis, quanto mais hostil for o humor, mais engraçado será. Para este autor, o humor é uma espécie de jogo que inclui a noção de vitória sobre o outro, resultado de uma competição. Também Zillmann e Cantor (1976) defenderam que o humor contém uma componente maliciosa e potencialmente ofensiva, ou pelo menos, implica inferiorizar algo ou alguém. Através do Modelo Disposicional do Humor (*dispositional model of humor*, no original), Zillmann e Cantor (1976) sustentam que o humor varia na razão inversa do afecto sentido pela pessoa ou objecto alvo do humor e na razão directa do afecto sentido pela entidade que é geradora do humor. Quer isto dizer que não apreciamos quando o humor é feito às custas de quem gostamos, mas

apreciamos quando alguém goza com quem não gostamos. A mesma lógica aplica-se à pessoa ou entidade que produz o humor: gostamos do humor se gostarmos da entidade que o produz.

Numa outra perspectiva, alguns investigadores estudaram a relação do humor com a activação fisiológica. Por exemplo, Schachter e Wheeler (1962) mostraram que activando o sistema nervoso simpático, injectando substâncias nos participantes, era possível influenciar o grau de diversão por eles sentido e reportado, face a um filme cómico. A uma maior activação fisiológica correspondeu níveis mais elevados de divertimento (*amusement* no original). Com base nesta relação, Cantor, Bryant e Zillmann testaram a aplicabilidade da teoria da transferência de excitação ao humor, mostrando que participantes previamente expostos a estímulos activadores (positivos ou negativos) reportaram maior diversão perante estímulos humorísticos apresentados posteriormente (Bryant & Miron, 2003).

Com base na sua teoria da reversão (*reversal theory* no original), que considera a relevância da personalidade e motivação, Apter (1989) propõe uma abordagem ao humor num registo de jogo/brincadeira (*“play”*). Nesta lógica, o humor é experienciado quando o indivíduo se encontra num determinado estado mental, que funciona como uma zona segura, protectora, que este cria para se defender dos problemas e preocupações do mundo real e no qual, por vezes, se encontra. Defende este autor que oscilamos entre dois ambientes, um télico, que nos permite ocupar das situações sérias, quotidianas, e outro, paratélico, no qual o humor é experienciado. Deste modo, embora o autor considere a sua componente agressiva, não a vê como forma de diminuir o outro mas como meio de banalizar a realidade.

Assim, em função da linha de pensamento defendida por alguns destes autores, podemos considerar que o humor pode desempenhar um papel nas respostas emocionais face aos contextos analisados neste estudo. Os que lhe reconhecem uma natureza hostil e agressiva muito provavelmente conseguem vislumbrá-lo no riso, ou no prazer que possa ser sentido, ainda que sem expressão física, de quem assiste aos acidentes cómicos dos outros. Por outro lado, à luz de outras correntes de pensamento, esse sentimento pode não assumir uma vertente agressiva mas apenas um registo de brincadeira. Propomo-nos ainda avaliar se as facetas mais luminosas do humor e do riso, associadas ao desenvolvimento de competências sociais de carácter afiliativo e facilitadoras nas relações interpessoais, terão um papel na resposta manifestada perante os ataques de riso dos outros.

1.2 – A empatia e o contágio emocional: Qual o seu papel nas respostas afectivas perante a alegria e o infortúnio dos outros?

Além do estilo de humor, as respostas cognitivas, emocionais e comportamentais face à expressão de riso ou infortúnio dos outros poderão ser matizadas por outros factores. Nesse âmbito, foram igualmente estudados no presente trabalho a empatia e o contágio emocional.

Sobre estes dois últimos construtos, mais particularmente sobre a empatia, muitos autores têm tecido considerações teóricas e conceptuais, uns defendendo uma visão mais cognitiva, outros, mais emocional; e outros ainda procurando integrar ambas as perspectivas.

Para Hoffman (2008), a empatia é um estado emocional activado pela emoção de uma outra pessoa, sentindo o observador o que o outro sente ou o que ele próprio sentiria se estivesse na situação. Este autor identifica cinco formas de activação empática: mimetismo, condicionamento, associação directa, associação mediada por via verbal e a tomada de perspectiva. Considera que as três primeiras formas são automáticas, pré-verbais, implicam uma dimensão involuntária na empatia e, embora se mantenham durante toda a vida, manifestam-se desde logo, numa fase da vida em que a criança ainda não tem consciência de que a emoção sentida resulta de uma experiência alheia, que não é sua. As últimas duas formas de activação empática surgem mais tarde, com o desenvolvimento das capacidades cognitivas e da linguagem, permitindo ao indivíduo sentir empatia quando o outro não está presente e a consciência de que a emoção sentida resulta de uma experiência do outro. Defende ainda que estas formas de activação empática podem ser activadas isoladamente ou combinadas entre si.

Na opinião de Hoffman (2008), o mimetismo leva-nos a sincronizar a expressão facial, vocal e a postura com as que vemos nos outros, levando a que o cérebro receba feedback e por essa via, se sinta o mesmo que a outra pessoa está a sentir. A descoberta dos neurónios espelho (Rizzolatti & Sinigaglia, 2006) permitiu evidenciar que ao visualizarmos uma acção ou uma emoção nos outros é activado o sistema neuronal correspondente à mesma acção ou emoção. Este fenómeno consubstancia o processo da mimetização. Através do condicionamento, e na perspectiva clássica do termo, Hoffman (2008) defende que na interacção com os outros registamos estímulos que associamos a emoções e que nos condicionam quando os voltamos a identificar, noutras interacções posteriores. Na visão deste autor, a empatia experienciada por via da associação directa acontece quando evocamos uma

experiência vivida por nós anteriormente ao revermos nos outros sinais que associamos a essa vivência.

Na associação mediada por via verbal, a linguagem é o veículo usado entre ambos os intervenientes no processo empático, sendo através dela que a pessoa alvo da empatia comunica o seu estado emocional ao outro. Por fim, a tomada de perspectiva, a última das formas de activação empática identificadas por Hoffman, pode ser experienciada de três modos: focada no próprio, imaginando o que o outro possa estar a sentir; focada no outro, com base no que se conhece sobre ele, no seu comportamento e no que o outro diz estar sentindo; ou focada em ambos, agregando as duas componentes.

Para aquele autor, a empatia tem implícita uma motivação moral e, embora aceite a perspectiva de que é possível sentir prazer com a desgraça alheia, Hoffman, (2008) argumenta que os resultados da maior parte dos estudos sugerem que as pessoas, na sua maioria, sentem empatia e revelam motivação para ajudar os outros.

Numa perspectiva ligeiramente diferente à de Hoffman, ainda que não antagónica, Decety e Jackson (2006) propõem que a empatia é a capacidade de perceber e responder a uma experiência afectiva sentida por outra pessoa, sem que tal implique qualquer acção no sentido de apoiar ou ajudar o outro. Pressupõe, assim, a interacção entre duas pessoas, em que uma experiencia e partilha o que o outro sente. Estes autores defendem que a empatia depende: das emoções experienciadas pelo alvo (observado); da relação entre o alvo e o observador; do contexto em que a interacção social ocorre. Os autores identificam três componentes no processo: um processamento ascendente (*bottom-up*), que corresponde a uma resposta emocional perante o outro; um processamento descendente (*top-down*), pressupondo capacidade cognitiva ao permitir aceder à tomada de perspectiva; e regulação emocional, processo sem o qual seria difícil separar o que vivenciamos da experiência do outro.

Com recurso a técnicas de neuroimagem funcional, Decety e Jackson (2006) defendem que no processamento da emoção e da empatia são utilizados os mesmos circuitos neuronais, quer se trate de emoções sentidas na primeira pessoa ou percebidas, observadas a terceiros, podendo os mesmos ser activados quando se adopta a perspectiva do terceiro. Defendem ainda que numa situação extrema, quando o stress empático sentido com a situação alheia é demasiado intenso, a regulação emocional é o mecanismo que permite o distanciamento e a clara separação entre o próprio e o outro.

Mas será que empatia implica sentir o mesmo que o outro sente, ou seja, a congruência dos estados emocionais entre ambos os intervenientes no processo empático?

Para Hoffman (1989), um indivíduo pode experienciar raiva em relação a alguém que identifique como o responsável pelo sofrimento da pessoa com quem empatiza. Nessa situação, a emoção experienciada via empatia não é a tristeza mas outra, mais activadora, como a raiva, que pode levar a um comportamento de punição face ao transgressor. Vitaglione e Barnett (2003), que desenvolveram medidas que permitem aferir a raiva empática enquanto traço de personalidade e como estado, defendem também que é muito redutor considerar a tristeza como única resposta emocional resultante da empatia. Estes autores identificaram a raiva empática como preditora de um desejo de punir o transgressor e propõem um estudo mais alargado que permita identificar outras emoções que possam resultar da experiência de um estado empático. No presente trabalho quisemos analisar a empatia neste âmbito mais alargado, considerando também esta vertente da experiência de um estado emocional não congruente entre os intervenientes, pelo que incluímos o conceito da raiva empática, enquanto característica individual.

Ao considerarmos que seria interessante analisar o eventual contributo da empatia no âmbito das questões em estudo neste trabalho, julgámos que seria pertinente incluir ainda a dimensão do contágio emocional, uma competência necessária para que ocorra empatia, na opinião de Hatfield, Rapson e Le (2009). Para estes autores, o contágio emocional é um fenómeno social, psicofisiológico e comportamental através do qual somos contagiados pelas emoções dos outros. Assume-se como a tendência para mimetizarmos e sincronizarmos com expressões, vocalizações e movimentos de outra pessoa de uma forma automática, e, por essa via, convergirmos com ela em termos emocionais (Hatfield, Cacioppo, & Rapson, 1994). Segundo Hatfield e colaboradores (1994), o processo verifica-se na interacção com os outros, na medida em que os indivíduos tendem a mimetizar e a sincronizar os seus movimentos com as expressões faciais, vozes, posturas e movimentos dos outros de forma automática e continuada. A activação e o feedback resultante desse processo de mimetização tende a influenciar, a cada momento, a experiência emocional subjectiva do indivíduo. Estes mecanismos conduzem ainda à convergência de emoções, ou seja, ao contágio da emoção sentida pelo outro.

Algumas pessoas parecem revelar maior capacidade para contagiar, outros para se deixarem contagiar (Hatfield et. al., 1994). Segundo os autores, as pessoas com maior capacidade para contagiar os outros tendem a:

- a) sentir, ou pelo menos, a aparentar sentir, emoções fortes;
- b) manifestar capacidade para expressar emoções a nível facial, vocal e através da

sua postura corporal;

- c) evidenciar insensibilidade às emoções dos outros quando estas são incompatíveis com as suas próprias.

Por outro lado, os mesmos autores propõem que os indivíduos que mais facilmente se deixam contagiar pelos outros têm tendência para:

- a) fixar a sua atenção nos outros;
- b) desenvolver uma percepção de si mesmo alicerçada na relação que estabelecem com os outros;
- c) ler as expressões emocionais, vozes, gestos e postura dos outros;
- d) mimetizar as expressões dos outros;
- e) ter consciência da suas próprias respostas emocionais;
- f) responder de uma forma emocional, registando forte activação fisiológica, em situações emocionais.

Assim, se existem pessoas com maior apetência para se deixarem contagiar pelas emoções dos outros, será que esse factor poderá ser diferenciador nas respostas manifestadas perante os dois contextos em estudo neste trabalho (quedas e acidentes cómicos vs. ataques de riso)? Será ainda relevante a predominância de algum traço empático nas respostas dadas? E nesse caso, de natureza emocional ou cognitiva?

O estudo de Hampes (2010), que relacionou o humor com a empatia, permitiu identificar algumas correlações entre ambos os traços, nomeadamente positiva entre uma dimensão empática emocional e um estilo de humor afiliativo e integrador em relação aos outros e negativas entre um estilo de humor agressivo e hostil na relação com os outros e várias dimensões empáticas, quer emocionais, quer cognitivas. Este resultado faz-nos pensar em que medida poderemos vir a encontrar um perfil mais empático e de humor afiliativo associado a um maior prazer perante os ataques de riso e um outro perfil, menos empático e de humor agressivo, associado às situações dos acidentes cómicos.

1.3 – Rir dos outros implicará sentir Schadenfreude?

Schadenfreude é o termo alemão que designa prazer malicioso sentido com a desgraça ou infortúnio alheio (Leach, Branscombe, Spears e Doosje, 2003). Será sempre essa a emoção sentida quando nos rimos dos outros? Quando nos divertimos perante pessoas que caem e

sofrem acidentes cômicos, como num dos exemplos em estudo neste trabalho, tal terá sempre subjacente uma dimensão de prazer malicioso?

Para Leach e colaboradores (2003), Schadenfreude surge apenas quando, quem a experiencia não é parte envolvida na desgraça dos outros, e citam Heider (1958) que se referia à Schadenfreude como uma emoção não desejável socialmente e com efeitos nocivos nas relações interpessoais. Referem que também Nietzsche (1887/1967) distinguia entre o prazer de ver passivamente alguém sofrer, do prazer de, por acção directa e activa, fazer alguém sofrer. Alegava o filósofo que o prazer sentido na primeira situação seria ilegítimo, uma vez que não era ganho por via do confronto directo com o outro.

Tendo como referência os princípios de Nietzsche, Leach e colaboradores (2003) analisaram, num contexto desportivo, o prazer malicioso sentido face ao infortúnio de um outro grupo. Propuseram três factores moderadores dos sentimentos de Schadenfreude nas relações intergrupais: a relevância, para o grupo, da área ou temática na qual o infortúnio dos outros é vivido, aspecto que diferenciam do grau de identificação sentido pelo grupo; sentimentos de inferioridade sentidos pelo grupo na relação com os outros; e o facto de parecer haver circunstâncias que legitimam o sentimento de Schadenfreude. Assim, verificaram que a Schadenfreude sentida pelo endogrupo foi mais forte nos casos em que o infortúnio evidenciado pelo exogrupo ocorreu numa área de maior interesse para o endogrupo. Concluíram que a existência de sentimentos de inferioridade nos elementos do endogrupo contribuiu para um nível mais elevado de Schadenfreude perante o infortúnio do exogrupo. Relativamente ao terceiro factor, consideraram que variáveis como o merecimento do infortúnio pelo exogrupo influenciam a Schadenfreude sentida pelo endogrupo.

A relação da Schadenfreude com sentimentos como a inveja e o ressentimento também tem vindo a ser estudada. A inveja parece ser preditora da Schadenfreude (Smith, Turner, Garonzik, Leach, Urch-Druskat, & Weston, 1996), embora Feather e Sherman (2002) tenham verificado que é o ressentimento, e não a inveja, a preditora daquela emoção. Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg e Gallucci (2006) analisaram os trabalhos anteriores que pareciam apontar para resultados contraditórios e desenvolveram um estudo com o objectivo de avaliar essa situação. Concluíram que sentimentos de hostilidade e inveja têm um papel diferenciado na evocação da Schadenfreude e que, embora estas emoções possam ser suficientes para a desencadear, podem, contudo, não ser condição necessária.

No presente trabalho, a Schadenfreude será estudada num contexto diferente dos acima apresentados, uma vez que os participantes não serão induzidos a sentir quaisquer

sentimentos de inferioridade, inveja ou ressentimento. Com efeito, da pesquisa efectuada não foi encontrada nenhuma investigação num contexto próximo do presente estudo. No actual trabalho, qualquer relação de comparação ou identificação que os participantes estabeleçam com as pessoas e situações observadas nos vídeos, em particular perante os acidentes, poderá reflectir a sua natureza ou a sua tendência de resposta. Por outro lado, o facto de as situações observadas terem uma vertente cómica também é um aspecto diferenciador do presente estudo, não se sabendo se nesse contexto o prazer malicioso será desencadeado. Caso seja, e tendo em conta os resultados apresentados, iremos avaliar a possível relação entre a Schadenfreude e o estilo de humor agressivo ou de carácter autodepreciativo.

1.4 - Objectivos

O principal objectivo deste trabalho é estudar as respostas – emocionais, fisiológicas e cognitivas - perante dois tipos de situação: uma, em que se observam pessoas a sofrer infortúnios, ilustrados de forma cómica (acidentes cómicos) e outra, em que se observam pessoas com ataques de riso. Pretende-se ainda analisar eventuais diferenças individuais nas respostas a estes dois cenários em função do estilo de humor, empatia e contágio emocional.

Pretendia-se que as pessoas observadas naquelas duas situações fossem percebidas pelos participantes como “desconhecidas”, permitindo que eventual empatia, identificação ou o seu contrário, decorresse da resposta natural dos participantes.

Interessou-nos responder às seguintes questões:

- a) Qual dos vídeos (Acidentes Cómicos ou Ataques de Riso) suscitará mais prazer nos participantes?
- b) No caso do vídeo Acidentes Cómicos, o prazer gerado terá uma componente maliciosa? Será identificada Schadenfreude associado a esse vídeo?
- c) O prazer face a cada vídeo será diferenciado em função do estilo de humor, traço empático ou susceptibilidade para o contágio emocional?
 - a. Será que mais prazer perante o vídeo Acidentes Cómicos terá associado um perfil de humor agressivo e autodepreciativo e uma menor predisposição empática e para o contágio emocional? Ou mais prazer nesse vídeo terá associado uma predisposição empática mais elevada numa dimensão de fantasia e um estilo de humor

afiliativo/autovalorativo?

- b. Será que mais prazer perante o vídeo Ataques de Riso terá associado um perfil de humor afiliativo e autovalorativo e uma maior predisposição empática (em particular, na dimensão emocional) e para o contágio emocional?
- d) Caso o vídeo Acidentes Cômicos desencadeie Schadenfreude, a essa emoção estará associada:
- a. um estilo de humor agressivo ou autodepreciativo e uma menor identificação empática?
 - b. uma percepção de maior gravidade face à situação visionada?

2 - Método

2.1 - Participantes

O estudo foi implementado em duas fases, atendendo à extensão de questões que se pretendia que os participantes respondessem e também para que as suas respostas iniciais, relacionadas com a avaliação das diferenças individuais em estudo (estilos de humor, empatia e contágio emocional) não contaminassem as respostas emocionais durante a visualização dos vídeos.

Na fase inicial foi recolhida uma amostra de conveniência de 199 participantes, com idades entre os 19 e 62 anos ($M = 29,53$; $DP = 10,12$), sendo a maioria (70%) do sexo feminino e com uma escolaridade ao nível do ensino superior (62%), distribuídos entre estudantes do ISCTE e contactos pessoais.

Na segunda fase do estudo, que implicava a deslocação dos participantes ao ISCTE, apenas foi possível contar com a participação de 55 dos participantes iniciais, dos quais dois foram excluídos por não terem classificado os vídeos conforme esperado, i.e., pessoas em situações de riso ininterrupto; ou pessoas em situações de acidente. Os restantes 53 têm idade compreendida entre os 19 e 55 anos ($M = 34$; $DP = 9,76$), sendo a maioria do sexo feminino (62%), com uma escolaridade ao nível do ensino superior (60%).

Os participantes que colaboraram na segunda fase do estudo foram distribuídos aleatoriamente por uma das duas condições de ordem de apresentação dos estímulos: 25 participantes foram expostos à sequência “Vídeo Ataques de Riso/Vídeo Neutro/Vídeo Acidentes Cômicos” e 28 à sequência “Vídeo Acidentes Cômicos/Vídeo Neutro/Vídeo Ataques de Riso”. A distribuição dos participantes por estas duas condições em função do sexo foi homogénea, $\chi^2(1, N = 53) = 0,06, p > 0,10$.

A participação no estudo foi voluntária e não remunerada, tendo, no entanto, os estudantes do ISCTE-IUL recebido créditos pela sua participação, desde que a mesma compreendesse as duas fases.

2.2 - Material e Medidas

2.2.1 - Vídeos

Os participantes foram expostos a três vídeos distintos. O vídeo “Ataques de Riso” mostra duas cenas em que se visualizam pessoas em situação de ataque de riso ininterrupto (uma noiva no seu casamento e uma jornalista numa emissão de televisão). O vídeo “Acidentes Cômicos” é constituído por uma sequência de cenas em que se visualizam pessoas a cair e a sofrerem acidentes, com uma vertente cômica. Ambos os vídeos foram extraídos da internet, do site www.youtube.com utilizando como critério de pesquisa os termos “can't stop laughing” e “funny accidents”, para os vídeos “Ataques de Riso” e “Acidentes Cômicos”, respectivamente. A selecção excluiu acidentes com crianças e pessoas que pudessem ser identificadas como pertencentes a grupos étnicos, religiosos, políticos, ou portadoras de deficiência física. Foi ainda usado um terceiro vídeo para efeitos de redução da activação desencadeada por cada um dos outros dois, uma vez que o plano experimental é intra-sujeitos. Este vídeo correspondeu a um excerto relativo à Previsão Meteorológica nos Aeroportos Internacionais do canal televisivo *EuroNews*, já utilizado num estudo anterior e validado como neutro, em termos da valência e da activação reportadas (Arriaga & Almeida, 2010).

Cada vídeo tem uma duração aproximada de 75 segundos.

A opção pela utilização deste tipo de material teve em conta que há uma procura considerável e espontânea por parte das pessoas por este tipo de vídeos na internet (mais de 7M de exibições/ano e 2,7M de exibições/ano, respectivamente, para um dos excertos incluídos nos vídeos Acidentes Cômicos e Ataques de Riso) e até mesmo pela popularidade de programas de televisão baseadas neste formato (“Apanhados”).

Os vídeos exibem pessoas reais e não ficcionais, o que nos pareceu importante face aos objectivos do estudo e das medidas utilizadas.

2.2.2 - Medidas

Humor. Para avaliar os estilos de humor dos participantes enquanto traço de personalidade, utilizou-se o Questionário de Estilos de Humor (*Humor Styles Questionnaire - HSQ*; Martin, Puhlik-Doris, Larsen, Gray e Weir, 2003). Trata-se de um questionário que pretende avaliar o uso do humor em situações do dia-a-dia, nas interações sociais e como meio de lidar com o stresse, mesmo que a sua manifestação não seja consciente ou intencional. É composto por 32 itens, tendo um formato de resposta de sete pontos, que varia

entre 1 (*totalmente em desacordo*) e 7 (*totalmente de acordo*). O questionário mede quatro dimensões, constituídas por oito itens cada: duas traduzem um estilo de humor saudável ou adaptativo (Afiliação e Autovalorativo) e as outras duas, um estilo pouco saudável e potencialmente desadaptativo na relação com os outros e para com o próprio (Agressivo e Autodepreciativo).

O Humor Afiliação (*Affiliative humor*) reflecte uma tendência para contar anedotas e ser engraçado de uma forma natural e espontânea, com o objectivo de divertir os outros, facilitar as relações interpessoais e reduzir tensão (por exemplo, “Não tenho que esforçar-me muito para pôr as outras pessoas a rirem-se – pareço ser um humorista por natureza”). O Humor Autovalorativo (*Self-enhancing humor*) reflecte o uso do humor na leitura dos acontecimentos em geral e nas incongruências do dia-a-dia, bem como em situações de stress e adversidade (por exemplo, “Se me sinto chateado ou triste, normalmente tento pensar em algo engraçado acerca da situação para me sentir melhor”). O Humor Agressivo (*Aggressive humor*) está relacionado com o uso do humor para manipular, ofender ou ridicularizar os outros, alienando-os ou magoando-os, fazendo o indivíduo sentir-se melhor na comparação com os outros (por exemplo, “Se alguém comete um erro, gozo-o com frequência por causa disso”). Por último, o Humor Autodepreciativo (*Self-defeating humor*) corresponde ao humor feito às custas do próprio, levando o indivíduo a ridicularizar-se perante os outros com o objectivo de ser aceite, associando-se este tipo de humor a um comportamento defensivo (por exemplo, “Deixar que os outros se riam de mim é a minha maneira de manter os meus amigos e a minha família bem-dispostos”) (Martin et al., 2003).

No estudo original, as subescalas revelaram boas qualidades psicométricas, com uma boa consistência interna (α s entre 0,77 e 0,81) e uma adequada consistência ao longo do tempo (correlação entre 0,80 e 0,85, em termos de teste reteste) (Martin et. al., 2003).

Empatia. Para avaliar a empatia enquanto traço, aplicou-se o Índice de Reactividade Interpessoal (*Interpersonal Reactivity Index* - IRI; Davis, 1980), composto por 28 itens. Solicita-se que o participante indique o grau com que se identifica com cada item, através de uma escala de cinco pontos, que varia entre 0 (*não me descreve bem*) e 4 (*descreve-me bem*).

O IRI integra quatro subescalas compostas por sete itens cada: a Tomada de Perspectiva (*Perspective Taking*), que reflecte a capacidade de o indivíduo adoptar a perspectiva do outro (por exemplo, “Por vezes, procuro compreender melhor os meus amigos imaginando como as coisas são vistas pela sua perspectiva”); a Fantasia (*Fantasy*), associada

à capacidade do indivíduo se transpor para cenários de ficção e se identificar com os personagens desses ambientes (por exemplo, “Após assistir a uma peça ou um filme, já senti como se eu fosse uma das personagens”); a Preocupação Empática (*Empathic Concern*), de carácter emocional, que está associada a uma tendência de se experienciar afecto e preocupação com os outros quando estes vivenciam experiências negativas (por exemplo, “Quando vejo que se estão a aproveitar de alguém sinto-me de certo modo protector em relação a essa pessoa”) e o Stresse Emocional (*Personal Distress*), também de carácter emocional, associado a sentimentos de desconforto e ansiedade experienciados perante situações negativas observadas em terceiros (por exemplo, “Quando vejo alguém numa emergência a precisar desesperadamente de ajuda, descontrolo-me”) (Davis, 1980).

Cinco dos sete itens originais da subescala Stresse Emocional foram alterados, de forma a explicitarem que as emoções dizem respeito a situações que envolvem outras pessoas (por exemplo, “Quando deparo com pessoas em situações de emergência, sinto-me, com facilidade, apreensivo e desconfortável” em vez de “Em situações de emergência, sinto-me, com facilidade, apreensivo e desconfortável”).

Na versão original, o IRI apresenta boas qualidades psicométricas, revelando todas as subescalas uma boa consistência interna ($\alpha > 0,70$) (Davis, 1980).

É de destacar que Hampes (2010) identificou correlações entre as subescalas do IRI e do HSQ. Correlações positivas entre Preocupação Empática e Humor Afiliativo; Tomada de Perspectiva e Humor Autovalorativo e negativas entre Stresse Emocional e Humor Autovalorativo e entre Humor Agressivo e várias subescalas do IRI (Tomada de Perspectiva, Preocupação Empática, Stresse Emocional).

Raiva Empática. Com o objectivo de avaliar a raiva empática enquanto traço, aplicou-se a escala Raiva Empática – Traço (*Trait Empathic Anger - TEA*; Vitaglione & Barnett, 2003). A TEA é uma escala unidimensional, composta por sete itens, que avalia a capacidade de um indivíduo experienciar raiva quando se confronta com o sofrimento de outra pessoa (por exemplo, “Sinto raiva quando vejo alguém triste porque foi magoado por outra pessoa”).

O participante é solicitado a indicar o grau com que se identifica com cada item, através de uma escala de cinco pontos, variando entre 0 (*não me descreve bem*) e 4 (*descreve-me bem*). Neste trabalho, os itens desta escala foram distribuídos entre os itens do IRI.

No estudo de Vitaglione e Barnett (2003) a TEA revelou boas qualidades

psicométricas, com uma boa consistência interna (α entre 0,75 e 0,86 nas várias amostras analisadas) e uma adequada consistência ao longo do tempo (coeficiente de 0,72 em termos de teste-reteste).

Contágio Emocional. A Escala de Contágio Emocional (*Emotional Contagion Scale - ECS*, Doherty, 1997) foi usada para avaliar a propensão do indivíduo para ser contagiado emocionalmente perante emoções de valência positiva e negativa expressas por outras pessoas. A ECS é composta por 15 itens e, embora na versão original tenha sido desenvolvida como um construto unidimensional, contempla a avaliação do contágio perante cinco emoções básicas, através de três itens para cada emoção: o medo (por exemplo, “Ver os rostos assustados de vítimas nas notícias faz com que eu tente imaginar como elas se devem sentir”), a raiva (por exemplo, “Irrita-me estar próximo de pessoas zangadas”), a tristeza (por exemplo, “Se alguém com quem estou a conversar começa a chorar, fico com os olhos cheios de lágrimas”), o amor (por exemplo, “Derreto-me quando a pessoa que amo me abraça carinhosamente”) e a alegria (por exemplo, “Estar com uma pessoa alegre levanta-me a moral quando me sinto em baixo”). Solicita-se que o participante indique a situação que melhor corresponde ao seu modo de sentir, através de uma escala de cinco graus, que varia entre 1 (*nunca*) e 5 (*sempre*).

A ECS revelou boas qualidades psicométricas no estudo original, com uma boa consistência interna ($\alpha = 0,90$) (Doherty, 1997). Mais recentemente o mesmo instrumento foi validado junto da população grega, tendo a escala global apresentado consistência interna (α) de 0,74 (Kevrekidis, Skapinakis, Damingos & Mavreas, 2008).

Emoções (Prazer, activação e domínio). Foram aplicadas as escalas Manikin de Autoavaliação (*Self-Assessment-Manikin - SAM*; Bradley & Lang, 1994) para avaliar o grau de Prazer, Activação e Domínio reportados pelos participantes face a cada um dos vídeos visualizados. A SAM é uma medida pictórica, não-verbal, que permite aferir a resposta afectiva, através das dimensões atrás referidas, face a diferentes tipos de estímulos. Apresenta, para cada uma dessas dimensões, uma escala com figuras humanóides que variam entre 1 e 9. Para aferir o Prazer, a escala varia entre a figura infeliz/triste apresentada no ponto 1 (*Muito desprazer/desagrado*) e uma figura feliz/alegre no ponto 9 (*Muito prazer/agrado*), representando o 5, ponto médio da escala, um estado neutro. De forma idêntica, se afere a Activação, que varia entre uma figura relaxada no ponto 1 (*Muito Calmo*) e no 9 uma muito

excitada (*Muito Activado*) e o Domínio, que apresenta no ponto 1 uma figura muito pequena (*Sem controlo/Dominado*) e no 9, outra muito grande (*Muito controlado/Dominador*).

A SAM apresenta boas qualidades psicométricas (Bradley & Lang, 1994), designadamente em termos de validade convergente com escalas de diferencial semântico (Bradley & Lang, 1994). Desenvolvida inicialmente para avaliar os estados afectivos desencadeados pelos estímulos visuais do IAPS (Lang, Bradley, & Cuthbert, 2008), trata-se de escalas fáceis de aplicar e com a vantagem de poderem reduzir os enviesamentos associados a medidas verbais.

Activação fisiológica². Para além da avaliação subjectiva da activação (mediante aplicação da SAM) foi também recolhida informação de indicadores de activação fisiológica. Assim, neste estudo registou-se o nível electrodérmico, ou o nível de condutância dérmica da pele (NCD), o componente da actividade electrodérmica que corresponde às flutuações eléctricas de base. Os NCD foram registados através do sistema BIOPAC MP100.

Este indicador varia entre os sujeitos, apresentando usualmente valores entre 1 e 40 μS (*microsiemens*). Trata-se de um bom indicador da activação do sistema nervoso central, sendo influenciado por estímulos emocionais, sensoriais e cognitivos (Sequeira-Martinho, 1990).

De um modo geral, os NCD são sensíveis a estímulos de valência positiva e negativa por comparação a estímulos neutros. De entre os estímulos de valência positiva e negativa, a resposta tende a diferir face aos respectivos conteúdos, existindo uma tendência para níveis mais elevados face a situações relevantes em termos de sobrevivência (estímulos ameaçadores ou eróticos), ou seja, quando parecem activar o sistema defensivo ou apetitivo (Bradley, Codisposti, Cuthbert & Lang, 2001).

Identificação. Com o objectivo de aferir a identificação reportada pelos participantes face às pessoas e situações apresentadas nos vídeos Ataques de Riso e Acidentes Cômicos, foi aplicada a subescala Identificação (*Identification*) que integra a Escala de Resposta Empática (*Empathy Response Scale* - ERS, Campbell & Babrow, 2004). A ERS é uma escala multidimensional que se propõe avaliar a empatia enquanto estado. Inclui cinco subescalas

² Foi também recolhida informação sobre a actividade electromiográfica registada nos músculos faciais corrugador e zigomático, com o objectivo de aferir eventual expressão de riso ou desagrado face aos vídeos visionados. Essa informação não foi, no entanto, considerada na análise dos dados, por motivos de anomalia técnica no equipamento.

(*Identification, Concern, Emotional arousal, Verisimilitude, Understanding*) que se agregam nas dimensões emocional (*Emotional arousal* e *Concern*) e cognitiva (*Verisimilitude* e *Understanding*), assumindo a Identificação um comportamento diferente face a cada uma dessas dimensões, em função dos estímulos usados e da activação que os mesmos desencadeiam. As subescalas também podem ser utilizadas individualmente (Campbell & Babrow, 2004).

Neste estudo, tendo em conta o seu objectivo, aplicou-se exclusivamente a subescala Identificação, que é composta por cinco itens. Foi feita uma ligeira alteração nos itens de modo a que se ajustassem ao material utilizado no estudo (por exemplo, “As imagens mostram pessoas que se assemelham muito comigo ou com alguns dos meus amigos” para o item original “*The message shows or describes someone who seems a lot like me or some of my friends*”). O participante é solicitado a indicar a situação que melhor reflecte a sua opinião, podendo a sua resposta variar entre 1 (*Discordo Completamente*) e 7 (*Concordo Completamente*).

Nos estudos iniciais de desenvolvimento da escala, a subescala Identificação apresentou uma boa consistência interna ($\alpha = 0,80$) (Campbell & Babrow, 2004).

Prazer Malicioso (ou *Schadenfreude*). Para aferir o prazer malicioso sentido pelos participantes relativamente às pessoas e situações apresentadas nos vídeos foi aplicada a escala *Schadenfreude* (Van Dijk et. al., 2006).

Esta escala é composta por cinco itens, tendo sido feitos alguns ajustes para melhor se ajustarem ao material usado neste estudo (por exemplo, “As situações que vi deram-me alguma satisfação” para o original “*What happened gives me satisfaction*”) e no item “*I feel Schadenfreude*” foi utilizado “Senti prazer malicioso com as situações que vi”. Solicita-se que o participante indique a situação que melhor reflecte a sua opinião, podendo a sua resposta variar entre 1 (*Discordo Completamente*) e 7 (*Concordo Completamente*).

A escala apresentou uma boa consistência interna ($\alpha = 0,82$) no estudo de Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg, e Gallucci (2006).

Os itens desta escala foram alternados com os itens da subescala Identificação.

Desejabilidade Social. Tendo em conta que alguns dos traços (humor agressivo) e emoções (*Schadenfreude*) que se pretendem aferir no estudo poderão não ser considerados desejáveis socialmente, foi avaliada a desejabilidade social dos participantes. Para esse efeito,

foi aplicada a versão reduzida da Escala de Desejabilidade Social (*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* - MCSDS, Ballard, 1992, versão de Carvalho & Baptista, 1999). A MCSDS é composta por 13 itens relativos a traços e atitudes pessoais (por exemplo, “Houve ocasiões em que me aproveitei dos outros”), dez dos quais se agregam numa dimensão que reflecte uma vontade de evitar a desaprovação dos outros (Ballard, 1992). Aos participantes é solicitado que respondam através de uma escala de formato dicotómico *Verdadeiro* ou *Falso*, mediante o que pensam de si. A escala é cotada mediante atribuição de 0 ou 1 a cada item, podendo por isso, variar entre 0 e 13.

A versão reduzida de 13 itens mostrou-se uma boa opção face à escala original de 33 itens. Mais fácil e rápida de aplicar, a versão reduzida evidenciou uma consistência interna de 0,70, apenas 0,05 abaixo da escala total no estudo de Ballard (1992).

Diversão e Gravidade dos vídeos. Para obter informação sobre a percepção dos participantes quanto ao grau de diversão e gravidade atribuídas às situações que tinham visualizado nos vídeos, solicitou-se-lhes que avaliassem os mesmos através dos itens “O Grau de Diversão do vídeo que acabou de ver” e “A Gravidade que atribui às situações que acabo de ver”, respectivamente. Em ambos os casos, o formato de resposta foi de nove pontos e variou entre 1 e 9, correspondendo a *Nada Divertido* e *Muito Divertido* e *Nada Grave/Inconsequente* e *Muito Grave/Sérias Consequências*, respectivamente.

Com estes elementos pretendia-se, por um lado, aferir eventuais diferenças entre a emoção sentida (reportada pelos participantes via SAM – Prazer) e o grau de Diversão atribuído aos estímulos (vídeos). Por outro lado, avaliar se o vídeo Acidentes Cômicos seria percebido com um nível de gravidade superior ao dos Ataques de Riso e, caso se identifique Schadenfreude associado ao vídeo Acidentes Cômicos, será igualmente interessante analisar eventual relação entre o prazer malicioso e a gravidade atribuída.

Exposição prévia aos vídeos e percepção quanto à sua natureza. Para efeitos de verificação da manipulação, os participantes foram inquiridos sobre a prévia visualização dos excertos visionados, uma vez que o efeito de “mera exposição” (Zajonc, 1968) poderia enviesar a sua avaliação. Assim, após as questões sobre a Diversão e a Gravidade do vídeo, perguntou-se-lhes se já tinham visto algum daqueles excertos e, em caso afirmativo, quantos teriam sido.

Por outro lado, no final da experiência, solicitou-se ainda que identificassem cada

vídeo visualizado, fazendo a correspondência entre as seguintes afirmações “O vídeo apresenta pessoas em situações de riso ininterrupto”; “O vídeo apresenta pessoas em situações de acidente” e “O vídeo não apresenta pessoas” e as opções “Vídeo 1”; “Vídeo 2”; “Vídeo 3” e “Não Aplicável”. Esperava-se que a primeira frase fosse associada ao vídeo Ataques de Riso; a segunda ao vídeo Acidentes Cômicos e a terceira ao vídeo Neutro.

2.3 - Procedimento

Na fase inicial do estudo, foi aplicado um inquérito que era constituído pelas escalas que pretendiam operacionalizar as variáveis individuais (IRI, TEA, HSQ e ECS) e de controlo (MCSDS) e atribuído um código pessoal para permitir o cruzamento dos dados nas duas fases. Esse código era constituído pelas três primeiras letras do nome próprio e as do último apelido, bem como a data de aniversário. Foi dada informação que essa seria a primeira fase de um estudo sobre emoções e validação de instrumentos e que a segunda fase, a decorrer posteriormente, corresponderia ao visionamento de breves vídeos sobre os quais se solicitaria resposta a algumas questões. O inquérito foi preenchido manualmente e os participantes foram informados da confidencialidade e anonimato das suas respostas individuais, tendo sido obtido o respectivo consentimento informado.

Os participantes foram convidados a deslocarem-se ao LAPSO para participarem na segunda fase, o que ocorreu com um intervalo médio de 22,6 dias entre ambas as fases.

Na segunda fase, solicitou-se que os participantes visionassem três vídeos de curta duração e que respondessem a algumas questões, sendo recolhida os NCD durante todo o período.

Antes de se iniciar o visionamento, foi feito briefing e explicado ao participante como a experiência iria decorrer. Os participantes foram, também nesta fase, informados da confidencialidade e anonimato das suas respostas, tendo sido obtido o respectivo consentimento informado e dada a possibilidade de receberem os resultados finais do estudo via e-mail, caso o indicassem.

Mediante consentimento, foram aplicados os eléctrodos para recolha dos dados fisiológicos, nomeadamente do NCD. Para esse efeito, foram colocados dois eléctrodos nas falanges dos dedos indicador e médio da mão não dominante. A recolha desta informação iniciou-se um pouco antes do início do visionamento dos vídeos, com vista à obtenção do

nível de base registado por cada participante, face ao qual se calculariam as eventuais variações. O registo do nível de condutância dérmica durou enquanto a experiência decorreu, tendo sido registados os períodos correspondentes ao visionamento dos vídeos.

Os vídeos foram visionados através de um computador com um monitor de 17', em contexto controlado, isolado de outras pessoas e sem som.

Imediatamente após o visionamento de cada vídeo, os participantes responderam, por esta ordem, à escala SAM (Prazer, Activação e Domínio), Schadenfreude e subescala Identificação (as duas últimas, intercaladas entre si), avaliaram o vídeo em termos de Grau de Diversão e de Gravidade e indicaram se tinham visto algum excerto previamente, identificando quantos, em caso afirmativo.

O vídeo Neutro foi visionado sempre no meio da sequência, com o objectivo de controlo de um possível efeito de transferência de excitação do primeiro vídeo para o terceiro e conseqüente enviesamento da valência atribuída ao vídeo posterior (Bryant & Miron, 2003). Assim, após o visionamento do vídeo Neutro, os participantes apenas responderam à escala SAM e avaliaram-no no Grau de Diversão e Gravidade, não tendo sido aplicadas as restantes questões.

Para efeitos de visionamento, foram feitas duas sequências possíveis: a sequência de vídeos Ataques de Riso/ Neutro/Acidentes Cômicos e Acidentes Cômicos/Neutro/Ataques de Riso.

Cada sessão durou entre 25 a 35 minutos. A gestão do tempo foi feita pelos participantes, sendo que cada um dava início ao visionamento do próximo vídeo após ter respondido às questões relativas ao vídeo anterior.

O experimentador não se encontrava no campo de visão dos participantes, podendo, no entanto, ser chamado para esclarecimento de eventuais dúvidas que os mesmos sentissem.

3 - Resultados

3.1 - Análise das qualidades psicométricas das escalas utilizadas

Foi feita uma prévia análise da validade, nomeadamente de construto e fiabilidade dos instrumentos utilizados no estudo, até porque em relação a algumas das medidas, desconheceu-se eventual aplicação no contexto português³.

Para as medidas que avaliam diferenças individuais, foi efectuada uma análise exploratória da estrutura factorial com base na amostra inicial ($N = 199$). A estrutura resultante dessa análise inicial foi posteriormente utilizada na amostra que participou nas duas fases do estudo ($N = 53$).

No que diz respeito às medidas utilizadas na segunda fase (Identificação e Schadenfreude), foi igualmente efectuada análise das respectivas estruturas factoriais mas apenas na amostra que participou nessa fase ($N = 53$).

Estrutura factorial e consistência interna do IRI. Os 28 itens do IRI foram sujeitos a uma análise inicial dos componentes principais (ACP), com rotação ortogonal Varimax (normalização Kaiser) da qual resultou a necessidade de excluir seis itens (1, 5, 7, 8, 17 e 23) por apresentarem saturações inferiores a 0,43 ou valores muito próximos em duas componentes. A nova ACP evidenciou quatro factores que explicam 49,78% da variância total. Os resultados dos testes de esfericidade de Bartlett (1.285,36; $p < 0,001$) e de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = 0,74$) evidenciam boa adequação da matriz. As subescalas apresentam uma consistência interna (α) superior a 0,70 (Tomada de Perspectiva, $\alpha = 0,77$; Fantasia, $\alpha = 0,81$; Stresse Emocional, $\alpha = 0,71$), excepto a Preocupação Empática ($\alpha = 0,62$). Apenas a dimensão Tomada de Perspectiva manteve os sete itens da escala original. Relativamente à amostra que participou na segunda fase ($N = 53$), os quatro factores apresentam menores níveis de consistência interna nas subescalas à excepção da Preocupação Empática (Tomada de Perspectiva, $\alpha = 0,73$; Fantasia, $\alpha = 0,76$; Stresse Emocional, $\alpha = 0,65$; Preocupação Empática, $\alpha = 0,66$).

³ As medidas IRI, TEA, ECS, HSQ, Identificação e Shadenfreude foram traduzidas para português, tendo sido obtidas as autorizações para a utilização dos instrumentos utilizados no estudo.

Estrutura factorial e consistência interna da TEA. Na TEA, a análise inicial ACP, com rotação ortogonal Varimax (normalização Kaiser) evidenciou a existência de dois factores. Dado que o segundo factor incluiu apenas dois itens e um deles (item 2) apresentava pesos factoriais elevados e semelhantes nos dois factores, optou-se por eliminar o item 5 da escala original devido ao seu fraco peso factorial no primeiro factor. A nova ACP revelou uma estrutura unidimensional que explica 48,62% da variância total, com todos os itens a apresentarem saturações superiores a 0,46. Os resultados dos testes de esfericidade de Bartlett (302,89; $p < 0,001$) e de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = 0,84$) evidenciam boa adequação e a escala revela consistência interna (α) de 0,78. Relativamente à amostra que participou na segunda fase ($N = 53$), a escala manteve um bom nível de consistência interna ($\alpha = 0,78$).

Estrutura factorial e consistência interna do HSQ. Os 32 itens foram sujeitos a análise ACP, com rotação ortogonal Varimax (normalização Kaiser) que revelou a existência de quatro factores. Verificou-se a necessidade de se excluir sete itens (7,11, 15, 19, 22, 26 e 28) por apresentarem pesos factoriais inferiores a 0,45 e, nalguns casos, com valores próximos entre si em mais do que um factor. A nova ACP evidenciou a existência dos quatro factores que explicam 50% da variância total. Os resultados dos testes de esfericidade de Bartlett (1.466,83; $p < 0,001$) e de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = 0,80$) evidenciam boa adequação. As subescalas apresentam uma boa consistência interna (Autovalorativo, $\alpha = 0,80$; Humor Autodepreciativo, $\alpha = 0,77$; Humor Agressivo, $\alpha = 0,80$; Humor Afiliativo, $\alpha = 0,77$), embora não tenham replicado o modelo original, nomeadamente a subescala Humor Agressivo que incorporou itens que originalmente integravam a do Humor Afiliativo. Relativamente à amostra que participou na segunda fase ($N = 53$), as subescalas mantiveram uma boa consistência interna (Autovalorativo, $\alpha = 0,76$; Humor Autodepreciativo, $\alpha = 0,77$; Humor Agressivo, $\alpha = 0,77$; Humor Afiliativo, $\alpha = 0,80$).

Estrutura factorial e consistência interna da ECS. Foi efectuada análise ACP, com rotação oblíqua Oblimin que revelou a existência de quatro factores e a necessidade de se excluïrem dois itens (8 e 15, ambos da dimensão Medo) por apresentarem pesos factoriais com valores muito próximos em dois componentes. Após essa operação, a nova ACP realizada evidenciou a existência de quatro factores que explicam 61,53% da variância total, uma boa adequação (teste esfericidade Bartlett = 676,65; $p < 0,001$; $KMO = 0,77$) e apenas as

emoções de valência negativa apresentaram níveis de consistência interna abaixo de 0,70 (ECS global, $\alpha = 0,81$; Amor, $\alpha = 0,73$; Alegria, $\alpha = 0,72$; Raiva, $\alpha = 0,66$; Tristeza, $\alpha = 0,65$). Relativamente à amostra que participou na segunda fase ($N = 53$), os níveis de consistência interna obtidos foram semelhantes (ECS global, $\alpha = 0,85$; Amor, $\alpha = 0,78$; Alegria, $\alpha = 0,74$; Raiva, $\alpha = 0,66$; Tristeza, $\alpha = 0,63$).

Consistência interna da MCSDS. O valor de Kuder-Richardson 20 (KR-20) foi usado para calcular a consistência interna da MCSDS dada a natureza dicotômica dos itens. A amostra inicial apresentou um $KR-20 = 0,75$ ($N = 197$) e a amostra que participou nas duas fases ($N = 53$) apresentou um $KR-20 = 0,77$, reflectindo uma boa consistência.

Estrutura factorial e consistência interna da subescala Identificação (ERS). A subescala Identificação (ERS) foi respondida pelos participantes após o visionamento de cada um dos vídeos Ataques de Riso e Acidentes Cômicos. Tendo em conta que as respostas a esta subescala podem diferir em função dos estímulos e da activação que os mesmos podem provocar (Campbell & Babrow, 2004), foi feita uma análise factorial para as respostas dadas a cada um dos dois vídeos, separadamente.

Da análise ACP (rotação oblíqua Oblimin) às respostas associadas ao vídeo Acidentes Cômicos resultou uma estrutura unidimensional que explica 61,32% da variância total (Teste de esfericidade de Bartlett = 95,72; $p < 0,001$; $KMO = 0,83$) e apresenta boa consistência interna ($\alpha = 0,84$).

A ACP introduzindo as respostas associadas ao vídeo Ataques de Riso teve como resultado uma estrutura bidimensional que explica 66,39% da variância total (Teste de esfericidade Bartlett = 51,10; $p < 0,001$; $KMO = 0,67$).

Ainda que na subescala Identificação se tenham identificado duas componentes relativamente ao vídeo Ataques de Riso, analisando os itens e a sua distribuição pelos factores, não se identifica razão para os considerar separadamente, na medida em que a subescala apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = 0,70$), pelo que se decidiu considerar esta escala como unidimensional.

Estrutura factorial e consistência interna da escala Schadenfreude. De modo semelhante foram consideradas as respostas dos participantes na escala Schadenfreude após o visionamento de cada um dos dois vídeos.

Da análise ACP, com rotação oblíqua Oblimin (normalização Kaiser) às respostas associadas ao vídeo Acidentes Cômicos resultou uma estrutura unidimensional que explica 69% da variância total (Esfericidade de Bartlett = 164,39; $p < 0,001$; $KMO = 0,80$) e uma boa consistência interna ($\alpha = 0,87$). Porém, a mesma análise às respostas ao vídeo Ataques de Riso, resultou numa estrutura bidimensional que explica 70,96% da variância total (Esfericidade de Bartlett = 66,36; $p < 0,001$; $KMO = 0,75$), sendo a segunda componente constituída exclusivamente pelo item “Senti prazer malicioso com as situações que vi”. Este facto levou-nos a considerar que poderíamos estar perante duas dimensões distintas: uma que parece remeter para um prazer positivo associado a diversão / brincadeira, constituído por quatro itens (“Tive mesmo que me rir”, “As situações que vi deram-me alguma satisfação”...) e outra que remete claramente para o prazer malicioso, constituída por aquele único item (i.e., “Senti prazer malicioso com as situações que vi”). Por esse motivo, considerámos uma dimensão Divertimento, operacionalizada por aqueles quatro itens, e a emoção Schadenfreude pelas respostas dadas ao item que explicita o prazer malicioso. A primeira dimensão apresenta assim uma boa consistência interna para os dois vídeos (Acidentes Cômicos, $\alpha = 0,90$; Ataques de Riso, $\alpha = 0,79$).

3.2 - Análise da manipulação

3.2.1 - Exposição prévia aos vídeos

Uma parte significativa da amostra (43,4%) respondeu já ter visto alguns dos excertos dos filmes, maioritariamente os incluídos no vídeo Acidentes Cômicos, possivelmente por incluir maior número de excertos de situações. Apenas 7,6% indicaram já ter visualizado os excertos dos dois vídeos (Acidentes Cômicos e Ataques de Riso) e nenhum participante declarou ter apenas visto excertos do vídeo Ataques de Riso. No entanto, em relação a este último vídeo, constituído apenas por dois excertos, alguns participantes indicaram ter visto um número de excertos superior a esse número. Este facto permite-nos considerar a possibilidade de os participantes já terem visto este tipo de filmes, que abundam na internet, alguns deles muito semelhantes entre si, mas não necessariamente os que tinham acabado de visualizar. Dada a dimensão da amostra, não foi feita análise, controlando o efeito da prévia exposição.

3.2.2 – Percepção quanto à natureza dos vídeos

Foi necessário verificar em que medida a classificação efectuada pelos participantes em relação aos vídeos foi adequada à forma como os mesmos foram operacionalizados.

No que diz respeito à percepção quanto à natureza de cada um dos três vídeos, verificou-se que apenas dois participantes classificaram os vídeos de forma distinta da esperada (i.e., “O vídeo apresenta pessoas em situações de riso ininterrupto” no vídeo Ataques de Riso; “O vídeo apresenta pessoas em situações de acidente” no vídeo Acidentes Cômicos e “O vídeo não apresenta pessoas” no vídeo Neutro). Por esse motivo, estes participantes foram excluídos da amostra.

Foram também analisados os níveis de prazer reportados, diversão atribuída aos vídeos, gravidade das situações visionadas, bem como da activação registada, cujos resultados são apresentados no Quadro 3.1.

Quadro 3.1 – Percepção dos participantes sobre os três vídeos

Medidas	V. Ataques de Riso		Vídeo Neutro		V. Acidentes Cômicos		<i>F</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
SAM – Prazer (<i>N</i> = 52)	6,67	1,40	4,27	1,40	6,79	1,91	58,82***
Grau de Diversão vídeo (<i>N</i> = 53)	6,04	2,10	1,68	1,19	6,38	2,14	134,86***
Grau de Gravidade vídeo (<i>N</i> = 53)	2,45	1,89	2,47	1,92	5,26	2,16	35,71***
Condutância Dérmica Δ (SCL-SCL baseline) (<i>N</i> = 52)	1,46	2,41	1,98	2,78	2,95	4,09	3,08 [†]

*** $p < 0,001$. [†] $p < 0,06$

Com o intuito de analisar a *valência* atribuída aos vídeos, foi efectuada uma análise de variância (ANOVA) para medidas repetidas para a dimensão desprazer-prazer da escala SAM. Os resultados confirmam que a valência atribuída ao vídeo Neutro ($M = 4,27$, $DP = 1,40$) situa-se próximo do ponto médio da escala (5) - indicador de que se trata de um estímulo “neutro” - e é significativamente inferior aos valores de valência positiva atribuídos aos vídeos Acidentes Cômicos e Ataques de Riso, $F(2,50) = 58,82$, $p < 0,001$. A ANOVA em

relação ao grau de Diversão atribuído a cada um dos vídeos confirma que o vídeo Neutro se diferencia significativamente dos outros dois com um valor bastante baixo, próximo do “Nada Divertido”, $F(2,51) = 134,86, p < 0,001$.

Conforme esperado, também quanto ao grau de Gravidade das situações visualizadas, os participantes identificaram claramente o vídeo Acidentes Cômicos como o mais grave ($M = 5,26$), ainda que apenas o tenham classificado um pouco acima do ponto médio da escala (5), $F(2,51) = 35,71, p < 0,001$.

Dado que a ordem pela qual os participantes visionaram os vídeos poderia ter influenciado a sua avaliação, foram feitas análises de covariância para estas medidas (ANCOVAs), considerando a Sequência como covariante. Os resultados, porém, não se alteraram ($ps > 0,05$), pelo que não foi considerada pertinente a sua introdução em análises subsequentes.

No que se refere à activação fisiológica, não se verificou a existência de diferenças significativas entre os três vídeos. Curiosamente, os NCD não diminuíram durante o visionamento do vídeo Neutro, fazendo crer que se verificou, ainda assim, um efeito de acumulação. No entanto, nesta dimensão verificou-se um efeito da Sequência, $F(2,49) = 9,61, p < 0,001$, tendo o vídeo Acidentes Cômicos registado o valor mais elevado na sequência de vídeos “Ataques de Riso; Neutro; Acidentes Cômicos” ($M = 4,85, F(2,49) = 13,31, p < 0,001$).

O grau de Diversão atribuído a cada um dos vídeos não foi considerado nas análises seguintes uma vez que essa medida revelou-se fortemente correlacionada com o Prazer (SAM) ($r_s = 0,82$ e $0,76, ps < 0,001$, para os vídeos Acidentes Cômicos e Ataques de Riso, respectivamente) e com o Divertimento reportado pelos participantes ($r_s = 0,91$ e $0,82, ps < 0,001$, para os vídeos Riso e Acidentes, respectivamente).

3.3 - Comparações entre grupos em função do prazer perante o visionamento de Acidentes Cômicos e Ataques de Riso

Em função do prazer (escala valência da SAM) reportado pelos participantes face a cada um dos dois vídeos Acidentes Cômicos e Ataques de Riso, foram constituídos três grupos: os que sentiram mais prazer com o vídeo Ataques de Riso (Riso > Acidentes, $n = 16$), que passaremos a designar grupo “Prazer Riso”; os que sentiram mais prazer com o vídeo

Acidentes Cômicos (Acidentes > Riso, $n = 25$), a que chamaremos “Prazer Acidentes”, e os que manifestaram igual prazer em ambas as situações (Riso = Acidentes, $n = 12$), que designaremos “Prazer Riso e Acidentes”.

Uma análise de variância 2 (Vídeo: Ataques de Riso, Acidentes Cômicos) x 3 (Grupo: Prazer Riso, Prazer Riso e Acidentes, Prazer Acidentes) para a valência, mostra um efeito do Grupo, $F(2, 50) = 8,38, p < 0,01$, e um efeito de interação entre Grupo e Vídeo, $F(2, 50) = 62,69, p < 0,001$ (ver Anexo A). O efeito do grupo evidencia que o grupo Prazer Riso reportou menos prazer ($M = 5,94$) do que os restantes ($M = 6,88$ reportado pelo grupo Prazer Acidentes e $M = 7,67$ pelo grupo Prazer Riso e Acidentes). Porém, analisando a interação, constata-se que o grupo Prazer Riso revelou uma clara preferência pelo vídeo Ataques de Riso ($M = 7,19, DP = 1,11$) e valores inferiores (neutros ou de algum desconforto) perante o vídeo Acidentes Cômicos ($M = 4,69, DP = 1,49$), $F(1, 50) = 68,16, p < 0,001$. O grupo Prazer Acidentes evidenciou valores mais elevados perante o vídeo Acidentes Cômicos ($M = 7,80; DP = 1,26$) do que face ao Ataques de Riso ($M = 5,96, DP = 1,34$), $F(1, 50) = 57,69, p < 0,001$. O grupo Prazer Riso e Acidentes registou uma pontuação elevada perante os dois vídeos ($M = 7,67, DP = 1,16$), $F(1, 50) = 0, p = 1$.

Se, por outro lado, compararmos os resultados dos grupos em função de cada vídeo, verifica-se que perante o vídeo Acidentes Cômicos, o grupo Prazer Riso apresenta claramente menos prazer ($M = 4,69$) do que os restantes grupos ($M = 7,67$, pelo grupo Prazer Riso e Acidentes e $M = 7,80$ pelo grupo Prazer Acidentes). Por oposição, o vídeo Ataques de Riso despertou menos prazer no grupo Prazer Acidentes ($M = 5,96$) do que nos restantes grupos ($M = 7,19$ pelo grupo Prazer Riso e $M = 7,67$ pelo grupo Prazer Riso e Acidentes), $F(2, 50) = 30,59, p < 0,001$.

Humor, Empatia e Contágio Emocional. Numa primeira fase, pretendeu-se analisar se existiam diferenças individuais no estilo de humor, predisposição empática e contágio emocional, relativamente ao prazer expresso perante os dois vídeos (ver Anexo B). Neste sentido, foram realizadas análises de variância multivariada (MANOVAs), comparando os três grupos (Prazer Riso vs Prazer Riso e Acidentes vs Prazer Acidentes) para o contágio emocional e ANOVAs no caso dos estilos de humor e da empatia (nestes dois casos, considerou-se separadamente os factores de cada uma das escalas).

No geral, os resultados evidenciam diferenças significativas entre os grupos apenas para as dimensões Humor Afiliativo, $F(2,50) = 6,10, p < 0,01$, e Contágio perante a Tristeza,

$F(2,50) = 3,77, p < 0,05$. Contrariamente a uma das hipóteses colocadas, o grupo Prazer Riso apresenta valores mais baixos de Humor Afiliativo ($M = 4,46$), diferindo de modo significativo do grupo Prazer Riso e Acidentes ($M = 5,92$), $p < 0,01$. Por outro lado, a análise multivariada para o conjunto das dimensões do construto Contágio Emocional revelou uma diferença entre grupos, $F(8,94) = 2,44, p < 0,05$. As análises de variância feitas para cada dimensão desta escala revelaram que ao nível do Contágio face à Tristeza, o grupo Prazer Acidentes registou valores mais baixos ($M = 2,95$) face ao apresentado pelo grupo Prazer Riso e Acidentes ($M = 3,75$), $p < 0,05$.

Foi efectuada uma análise correlacional entre as várias medidas utilizadas (ver resultados no Anexo C), que permitiu observar que a Desejabilidade Social se correlacionou com duas subescalas: Tomada de Perspectiva ($r = 0,35, p < 0,05$) e Humor Agressivo ($r = -0,35, p < 0,05$). No entanto, feita a análise de co-variância, com a introdução da Desejabilidade Social nestas duas subescalas, os resultados não se alteraram.

Entre as restantes dimensões, as correlações mais fortemente evidenciadas dizem respeito às subescalas da ECS entre si e entre estas e a Raiva Empática (TEA) e a Preocupação Empática (IRI).

Divertimento, Identificação, Schadenfreude, Activação subjectiva e fisiológica e Domínio. Numa segunda fase, analisou-se se existiam diferenças em termos de Divertimento, Identificação, Schadenfreude, Activação e Domínios reportados, bem como na Activação fisiológica registada, relativamente ao prazer expresso perante os dois vídeos.

Para analisar os resultados de cada uma destas dimensões recorreu-se ao seguinte plano factorial, 2 (Vídeo: Ataques de Riso, Acidentes Cómicos) x 3 (Grupo: Prazer Riso; Prazer Riso e Acidentes; Prazer Acidentes). Os valores destas análises são apresentados no Anexo A.

Em relação ao Divertimento, os resultados evidenciam efeitos principais do Grupo, $F(2, 50) = 7,16, p < 0,01$, do Vídeo, $F(1, 50) = 9,31, p < 0,01$, e da interacção entre ambos, $F(2, 50) = 17,64, p < 0,001$. No geral, o grupo Prazer Riso reportou um menor Divertimento ($M = 4,36$), significativo face à comparação com os outros ($M = 5,76, p < 0,001$, pelo grupo Prazer Riso e Acidentes e $M = 5,11, p < 0,05$, pelo grupo Prazer Acidentes). Por outro lado, analisando os resultados em função dos vídeos verificou-se, curiosamente, que o vídeo Ataques de Riso suscitou um nível de Divertimento superior ($M = 5,36$) ao do vídeo Acidentes Cómicos ($M = 4,79$), $p < 0,01$. Ao analisar detalhadamente este resultado, conclui-

se que esta diferença entre vídeos deve-se essencialmente à diferença atribuída pelo grupo Prazer Riso aos dois vídeos.

Observando as diferenças entre grupos face aos vídeos, verifica-se que o grupo Prazer Riso reportou um maior Divertimento com o vídeo Ataques de Riso ($M = 5,30$) do que face ao vídeo Acidentes Cômicos ($M = 3,42$), $F(1,50) = 33,18$, $p < 0,001$. Contrariamente, o grupo Prazer Acidentes manifestou maior Divertimento perante o vídeo Acidentes ($M = 5,41$) comparativamente ao Ataques de Riso ($M = 4,81$), $F(1,50) = 5,31$, $p < 0,05$. Estes resultados são coerentes com os observados na dimensão Prazer.

Se avaliarmos os resultados manifestados pelos grupos em função dos vídeos, concluímos que perante o vídeo Acidentes Cômicos as diferenças entre grupos é significativa ($F(2,50) = 16,52$, $p < 0,001$), apresentando o grupo Prazer Riso o nível de Divertimento mais baixo ($M = 3,42$). Também face ao vídeo Ataques de Riso a diferença é significativa entre os grupos ($F(2,50) = 4,09$, $p < 0,05$), em particular entre os grupos Prazer Acidentes ($M = 4,81$) e Prazer Riso e Acidentes ($M = 5,98$), $p < 0,01$.

Relativamente à Identificação face a cada um dos contextos/pessoas visionadas, verificou-se um efeito principal do Vídeo, $F(1, 50) = 8,20$, $p < 0,01$, e de interacção Vídeo X Grupo, $F(2,50) = 5,23$, $p < 0,01$. Todos os grupos revelaram maior Identificação com as pessoas/situações apresentadas no vídeo Ataques de Riso ($M = 4,81$, $p < 0,01$), ainda que o valor apresentado seja apenas um pouco acima do ponto médio da escala (4). Também nesta dimensão, é o grupo Prazer Riso que manifesta uma diferença significativa face a cada um dos vídeos ($M = 4,89$ no vídeo Ataques de Riso e $M = 3,79$, no Acidentes Cômicos), $F(1,50) = 18,01$, $p < 0,001$. Analisando os resultados dos grupos em função dos vídeos, verifica-se que apenas o vídeo Acidentes Cômicos regista diferenças significativas entre grupos, $F(2,50) = 3,68$, $p < 0,05$, sendo igualmente o grupo Prazer Riso que se diferencia dos restantes, com um valor mais baixo ($M = 3,79$).

No que diz respeito à Schadenfreude verificou-se igualmente um efeito do Vídeo, $F(1,50) = 13,49$, $p < 0,01$) e de interacção Vídeo X Grupo, $F(2, 50) = 5,41$, $p < 0,01$. Como esperado, o vídeo Acidentes Cômicos despertou mais Schadenfreude ($M = 3,28$), embora o valor evidenciado seja abaixo do ponto médio da escala (4). Verificaram-se diferenças significativas perante cada um dos vídeos no grupo Prazer Acidentes ($M = 3,76$ perante Acidentes Cômicos e $M = 1,92$ no Ataques de Riso, $F(1,50) = 25,93$, $p < 0,001$) e também no

grupo Prazer Riso e Acidentes ($M = 3,83$ perante Acidentes Cômicos e $M = 2,75$ no Ataques de Riso, $F(1,50) = 4,31$, $p < 0,05$) mas, curiosamente, esta diferença não se registou no grupo Prazer Riso. Fazendo a leitura das respostas dos grupos em função dos vídeos, não se verificam diferenças entre grupos face ao vídeo Ataques de Riso, verificando-se apenas um efeito marginal face ao vídeo Acidentes Cômicos ($F(2,50) = 2,97$, $p = 0,06$), reflectindo a diferença entre os grupos Prazer Acidentes e Prazer Riso.

As MANOVAS efectuadas para as variáveis Activação subjectiva e Domínio registaram apenas um efeito principal do Vídeo [$F(1, 50) = 4,70$ para a Activação; $F(1,49) = 4,41$ para o Domínio, $ps < 0,05$]. Conforme esperado, os participantes reportaram maior activação ($M = 4,24$) e menor domínio/controlo ($M = 6,04$) perante o vídeo Acidentes Cômicos do que perante o vídeo Riso ($M = 3,49$ e $M = 6,56$, respectivamente).

No entanto, em relação à activação medida de forma objectiva através da Condutância Dérmica⁴, verificou-se um efeito principal do Vídeo, $F(1,49) = 6,05$, $p < 0,05$, mas também do Grupo, $F(2,49) = 3,76$, $p < 0,05$. Consistente com a avaliação subjectiva da activação, a actividade electrodérmica foi mais elevada durante o visionamento do vídeo Acidentes Cômicos ($M = 3,02$) do que no vídeo Ataques de Riso ($M = 1,48$). O grupo Prazer Riso registou o valor mais baixo ($M = 0,90$) comparando com os restantes, enquanto que o grupo Prazer Riso e Acidentes apresentou o valor mais elevado ($M = 3,47$), sendo significativa a diferença entre ambos.

Foi efectuada análise das correlações entre os valores evidenciados nestas dimensões face a cada um dos vídeos, cujos resultados podem ser consultados no Anexo D.

As correlações mais fortes foram observadas entre o Prazer e o Divertimento sentidos face a cada um dos vídeos: $r = 0,84$ no vídeo Acidentes Cômicos e $r = 0,79$ no vídeo Ataques de Riso, com $ps < 0,001$.

As restantes correlações evidenciadas foram baixas a moderadas, destacando-se entre elas a verificada entre a Identificação e o Prazer ($r = 0,31$, $p < 0,05$ no vídeo Ataques de Riso e $r = 0,44$, $p < 0,01$ no vídeo Acidentes Cômicos) e também com o Divertimento ($r = 0,42$, $p < 0,01$ no vídeo Ataques de Riso e $r = 0,44$, $p < 0,01$ no vídeo Acidentes Cômicos).

⁴ A Condutância Dérmica foi medida pela variação entre o valor médio registado por cada participante nos 15 segundos prévios ao início do visionamento e a média registada durante cada visionamento.

Curiosamente, nenhuma correlação foi encontrada entre Identificação e Schadenfreude. A Schadenfreude correlacionou-se, apenas no vídeo Acidentes Cômicos, com o Prazer, ($r = 0,33, p < 0,05$), a Condutância Dérmica ($r = 0,37, p < 0,01$) e o Divertimento ($r = 0,53, p < 0,001$).

A Condutância Dérmica correlacionou-se, mas apenas face ao vídeo Acidentes Cômicos, com o Prazer ($r = 0,32, p < 0,05$), a Activação ($r = 0,31, p < 0,05$), o Divertimento ($r = 0,37, p < 0,01$) e negativamente com o Domínio ($r = -0,32, p < 0,05$).

Nenhuma correlação foi verificada entre estas dimensões e a Desejabilidade Social dos participantes.

Gravidade dos vídeos em função dos grupos. Dadas as diferenças manifestadas entre os grupos, sobretudo nas dimensões Prazer e Divertimento, foi avaliada a possibilidade de os grupos diferirem entre si na Gravidade que atribuíram às situações visionadas nos dois vídeos. Efectuada MANOVA não se revelou, porém, um efeito de grupo, $F(2, 50) = 1,12, p > 0,05$.

4 - Discussão

Com este estudo pretendia-se avaliar a existência de eventuais diferenças entre as respostas afectivas perante situações em que vemos alguém sofrer um acidente (ainda que considerado cómico) e quando estamos perante alguém que não consegue conter o seu riso. Em termos de emoções foram avaliadas as seguintes variáveis: prazer/desprazer geral, prazer malicioso (Schadenfreude), activação (subjectiva e fisiológica), controlo/domínio, divertimento e identificação empática. Pretendia-se ainda identificar factores individuais (estilo de humor, empatia, contágio emocional) associados às diferentes respostas face àqueles dois tipos de situação.

No geral, os resultados mostram uma distinção no prazer proporcionado entre ambas as situações. Quase metade da amostra (47%) revelou mais prazer perante o vídeo Acidentes Cómicos. Este facto não surpreende, face ao número de visualizações que este tipo de vídeo tem na internet. No entanto, verificou-se também a existência de um grupo de pessoas que reportou mais prazer com o vídeo Ataques de Riso e que parece ficar desconfortável perante as situações visionadas no vídeo Acidentes Cómicos e ainda um outro que parece capaz de sentir prazer ou divertir-se, de igual modo, em ambas as situações. Estes grupos foram designados “Prazer Acidentes”, “Prazer Riso” e “Prazer Riso e Acidentes”, respectivamente.

É importante destacar que nenhum dos grupos revelou considerável prazer malicioso com as situações apresentadas, na medida em que os valores se situaram abaixo do ponto médio da escala, inclusive no grupo que relatou mais prazer perante a situação do infortúnio alheio, i.e., perante a visualização dos acidentes cómicos. Não seria expectável que o vídeo Ataques de Riso, pelo contexto que representa, despertasse esta emoção. Contudo, o mesmo poderia não acontecer com o vídeo Acidentes Cómicos, no qual se vêem pessoas em situações pelas quais poderiam ser ridicularizadas por quem os visse.

Entre os estados afectivos associados ao vídeo Acidentes Cómicos parece, antes, verificar-se um certo divertimento, como se essas situações fossem percebidas como uma brincadeira inconsequente. A suportar esta ideia indicam-se: a) as correlações mais elevadas entre o divertimento e o prazer (manifestados nos dois vídeos) do que entre Schadenfreude e qualquer uma das referidas dimensões (neste caso, apenas se revelam no vídeo Acidentes Cómicos); b) embora a gravidade atribuída às situações visionadas no vídeo Acidentes Cómicos seja significativamente superior ($M = 5,26$) à conferida ao outro vídeo ($M = 2,45$),

trata-se, ainda assim, de um valor ligeiramente acima do ponto médio da escala (5), concluindo-se que os participantes não lhes atribuíram consequências de maior gravidade.

A reforçar esta ideia, verificamos ainda que o grupo que sentiu mais prazer com o vídeo *Acidentes Cômicos* regista o valor mais baixo em termos de Contágio Emocional perante a Tristeza de outros, a única das dimensões do contágio em que se apuraram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Acresce o facto de o Humor Afiliativo, associado a uma atitude cooperante e de integração dos outros pela via do humor, assumir valores mais elevados neste grupo, bem como no grupo que sentiu idêntico prazer perante os dois vídeos, única dimensão do humor em que se revelaram diferenças significativas entre os grupos. Assim, parece fazer sentido que o grupo que sentiu maior prazer perante a visualização do vídeo *Acidentes Cômicos*, menos susceptível de se contagiar pela tristeza e com um perfil de humor mais forte na componente afiliativa, busque nestas situações um entretenimento, uma forma de diversão inconsequente. Parece, por isso, confirmar-se em parte uma das hipóteses, que propunha que o prazer gerado pelo vídeo *Acidentes Cômicos* estivesse associado ao estilo de humor afiliativo, embora não se tenha verificado nenhuma tendência ao nível da dimensão empática *Fantasia*, como se propunha.

Inveja, sentimentos hostis ou de rivalidade com outro grupo, ou ainda situações que levem a uma melhoria na autoavaliação pela comparação com o infortúnio dos outros, têm sido factores analisados nos estudos sobre *Schadenfreude* (Leach et al., 2003, van Dijk et al, 2006, van Dijk, Ouwerkerk, Wesseling & van Koningsbruggen, 2011). Também a responsabilidade que se atribui às pessoas pelos infortúnios que lhes acontecem, mediado por um sentimento de que o sucedido é merecido, parece estar associado ao sentimento de *Schadenfreude* (van Dijk, et al, 2005, van Dijk, et al, 2008). Nenhum desses factores foi explicitamente invocado no presente estudo: não foi dada qualquer informação sobre as pessoas visionadas ou desenvolvida acção que levasse à indução nos participantes dos sentimentos atrás referidos. No presente estudo, pretendia-se tão-somente verificar se a *Schadenfreude* seria manifestada quando vemos outros em situação desfavorável e cômica, em circunstâncias de quotidiano (pessoas que parecessem comuns, relativamente às quais não houvesse aparente motivo para hostilizar, nem que fosse evidente terem sido especialmente causadoras dos seus infortúnios).

Assim, os dados parecem indicar que, neste contexto, não haverá uma forte dimensão maliciosa no prazer reportado pelos participantes. Não foi tão-pouco verificada qualquer correlação entre *Schadenfreude* e identificação empática.

Os acidentes cômicos estudados neste trabalho, ainda que suscitem prazer, não parecem ser percebidos como um tipo de humor hostil, depreciativo do outro, tal como sugere Grunner (1997, citado por Martin, 2007), não tendo sido verificado que o prazer associado a estas situações estivesse relacionado com um estilo de humor desadaptativo (agressivo ou autodepreciativo), conforme uma das hipóteses propostas. A sustentar esta leitura, pode-se ainda referir as correlações positivas verificadas entre a identificação empática e o prazer e o divertimento, tendo sido registados valores um pouco mais elevados no vídeo Acidentes Cômicos do que no Ataques de Riso. Se por um lado, estes dados nos fazem pensar que um maior prazer e divertimento estão associados a uma maior identificação com as pessoas observadas nos vídeos, por outro, parecem incoerentes com o facto de todos os grupos terem manifestado menor identificação com as pessoas do vídeo Acidentes Cômicos. No entanto, analisando mais detalhadamente, verifica-se que a menor identificação com as pessoas apresentadas nesse vídeo se deve essencialmente aos resultados do grupo Prazer Riso, que manifestou diferenças significativas nessa dimensão face a cada um dos vídeos, e não tanto pelos valores dos outros dois grupos. Assim, face a estes dados, nomeadamente a correlação entre prazer/divertimento e identificação empática, parece não se aplicar neste caso o Modelo Disposicional do Humor de Zillmann e Cantor (1976) que defende que gostamos mais quando o humor é feito às custas de quem não gostamos. No caso em estudo e concretamente no vídeo Acidentes Cômicos, uma maior identificação com as pessoas visualizadas parece estar associado a um maior prazer/divertimento, excepto no caso dos participantes que reportaram desconforto associado a esse vídeo.

Na perspectiva de Apter (1989), que defende que intercalamos entre um ambiente tónico (registo sério, objectivo) e um paratónico (registo de uma certa leveza, brincadeira, no qual o humor é experienciado), poderia pensar-se que as pessoas que reportaram mais prazer perante o vídeo Acidentes Cômicos seriam mais susceptíveis de mudar para o ambiente paratónico perante este tipo de situações, ou seja, quando observam outros em contextos de acidentes cômicos. Assim, caso se encontrem no ambiente paratónico, estas pessoas tenderão a fazer uma leitura da realidade que banaliza os factos, não atribuindo gravidade aos acidentes e quedas observados naquele vídeo, nem diminuindo propriamente as pessoas observadas nessas circunstâncias.

Relativamente à situação dos Ataques de Riso, avaliou-se a possibilidade de um maior prazer a ele associado se encontrar relacionado com um estilo de humor adaptativo (afiliativo ou autovalorativo), uma maior susceptibilidade de contágio emocional, a níveis mais elevados

nas dimensões empáticas ou de identificação com as pessoas visionadas no vídeo. Tal não se verificou. Coloca-se, no entanto, algumas questões: se o vídeo tivesse som as respostas seriam semelhantes? Será que o som da gargalhada poderia ser mais contagiante? A este propósito, Provine (2001) defende a importância do mecanismo auditivo e lança a dúvida sobre a eventual existência do equivalente visual.

Analisando os resultados com mais detalhe, outras interpretações emergem. Assim, o grupo que reportou mais prazer com a visualização de outras pessoas a rir ininterruptamente, mais do que assumir um explícito prazer na visualização desse vídeo, parece revelar um desconforto na visualização do outro vídeo. De uma forma geral, este grupo diferenciou-se dos restantes reportando níveis de prazer e de divertimento mais baixos, bem como valores mais baixos ao nível da condutância dérmica em ambos os vídeos, sendo que o valor médio associado ao vídeo Acidentes Cômicos quase que duplica face ao revelado no outro vídeo, o que parece poder sustentar a noção do desconforto sentido. Acresce ainda o facto de ter sido o único grupo que não revelou diferenças significativas entre os dois vídeos, na dimensão Schadenfreude e ter evidenciado uma diferença significativa ao nível da identificação perante cada um dos vídeos, identificando-se mais com as pessoas do vídeo Ataques de Riso. Contrariamente a uma das hipóteses propostas, este grupo manifestou o valor mais baixo no estilo de humor afiliativo.

Por outro lado, foi encontrado um grupo que reportou igual prazer em ambos os vídeos. O que estará na base do que parece um entusiasmo generalizado pelos dois diferentes estímulos apresentados? Tratar-se-á de uma predisposição para experienciar emoções, independentemente dos motivos que estão na sua origem? Terá este grupo maior tendência para encarar a vida num registo paratético, no sentido de Apter (1989)? Ou terá tendência para avaliar mais positivamente as emoções experienciadas? O facto de este grupo apresentar níveis de condutância dérmica mais elevados, nomeadamente no vídeo Acidentes Cômicos, não nos permite, por si só, concluir que a sua avaliação subjectiva foi, por si, sobrevalorizada, mas deixa a questão em aberto. Mesmo considerando o possível efeito de transferência de excitação (Cantor, Bryant & Zillman, 1974) gerado pelo visionamento de vários vídeos em sequência, este efeito teria impacto em todos os grupos e não apenas num grupo específico.

Assim, os resultados apresentados pelo grupo que manifestou prazer perante os dois vídeos leva-nos a propor, para futuros estudos, a avaliação de dimensões como as meta-emoções, o que permitiria estudar a possibilidade de os indivíduos experienciarem emoções positivas a partir de emoções de valência negativa (Oliver, 1993), conceito que tem sido

recentemente estudado na área do entretenimento. Neste contexto, a Procura da Emoção (*Need for Affect*), a motivação para procurarmos ou evitarmos situações que nos levem a experienciar emoções (Maio & Esses, 2001) é também um conceito a ter em conta.

Para além dos resultados atrás apresentados, identificámos igualmente no presente estudo algumas limitações que passamos a descrever.

Ao nível das medidas utilizadas, este trabalho evidenciou a necessidade de se rever a tradução do Questionário de Estilos de Humor, uma vez que alguns itens que integram a subescala original Humor Afiliativo agregaram-se à dimensão do Humor Agressivo, podendo tal ter acontecido pelo sentido dúbio que os itens assumiram na tradução portuguesa (conceitos associados a “brincar/rir/gozar com”).

A realização do estudo utilizando um plano intra-sujeitos levou a que os participantes observassem os vídeos 2 e 3 após terem respondido ao questionário sobre o vídeo 1, podendo daí resultar uma contaminação nas suas respostas afectivas posteriores. Por outro lado, o visionamento de três vídeos parece ter contribuído para uma transferência de excitação (Bryant & Miron, 2003) que se registou na acumulação de activação fisiológica. Estes riscos foram previamente considerados e, por essa razão incluído um vídeo “neutro” entre as duas apresentações, mas a opção por um desenho intra-sujeitos era importante para estudar as diferenças individuais perante os dois estilos de vídeo.

O controlo relativo ao efeito da prévia exposição é igualmente um factor que deveria ser reavaliado, tentando encontrar-se uma forma alternativa ao modelo implementado neste trabalho. Eventualmente, permitindo que o participante identifique de imediato o excerto que já viu anteriormente.

Por fim, sendo interessante a análise de informação fisiológica, dever-se-á optar por outras medidas diferentes da actividade electromiográfica registada nos músculos faciais. Ainda que os dados recolhidos não tenham sido utilizados no presente estudo, identificaram-se, no entanto, algumas condições que poderão originar actividade nos músculos mas que podem contaminar os dados (por exemplo, um bocejo ou um espirro, no caso do músculo zigomático), motivo que nos leva a indicar a situação.

Em estudos futuros, seria também importante usar uma amostra de maior dimensão. Dessa forma, poder-se-ia analisar os resultados tendo em conta outras potenciais moderadoras, nomeadamente o género dos participantes, já que se trata de uma variável cujas diferenças tendem a manifestar-se ao nível do contágio emocional (Hatfield, Cacioppo &

Rapson, 1994).

Numa outra perspectiva, poder-se-ia ainda avaliar a relação entre as respostas perante as duas situações em estudo e conceitos recentes proveniente de estudos na área da Personalidade, sobretudo com o *Katagelasticismo*, personalidade que revela gozo (“joy” no original) de rir dos outros (Ruch e Proyer, 2009).

Em suma, o presente trabalho analisou as relações entre construtos que se desconhece terem sido alvo de estudos prévios nos contextos analisados. O humor tem assumido um papel de maior relevo nas sociedades ocidentais, bastando pensar no protagonismo que têm assumido alguns dos seus actores e da sua capacidade para veicular mensagens, nomeadamente de carácter político (exemplo recente no caso português é o fenómeno “Gato Fedorento”). Por outro lado, o sentido de humor, ou seja, a capacidade para se experienciar a emoção associada ao humor, para além de um traço de personalidade desejável, tem vindo a ser valorizado tendo em conta o seu papel na saúde mental dos indivíduos, tendo igualmente vindo a investigar-se o seu papel na saúde física (Martin, 2007). Parece, por isso, fazer sentido perceber melhor a emoção em si, identificar as circunstâncias e pessoas que nos fazem sentir essa emoção, bem como outros factores individuais e de contexto social durante o qual ocorre a interacção entre os intervenientes no processo.

5 - Referências

- Apter, M. J. (1989) Reversal Theory: A new approach to motivation, emotion and personality. *Anuario de psicología*, (Online) N°. 42, 1989 , 17-30. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2944940>.
- Arriaga, P. & Almeida, G. (2010). Fábrica de emoções: A eficácia da exposição a excertos de filmes na indução de emoções. *Laboratório de Psicologia*, 8 (1): 63:80 (2010).
- Ballard, R. (1992). Short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Psychological Reports*, 71, 1155-1160.
- Bradley, M., Codispoti, M., Cuthbert, B., & Lang, P. (2001). Emotion and Motivation I: Defensive and Appetitive in Pictures Processing. Vol I, N° 3, 276-298.
- Bradley, M. M. & Lang, P. J. (1994), Measuring emotion: The self-assessment manikin and the semantic differential. *Journal of Behavioral Therapy and Experimental Psychiatry*, 25, 49-59.
- Bryant, J., & Miron, D. (2003). Excitation-transfer theory. In J. Bryant, D. Roskos-Ewoldsen, & J. Cantor (Eds.), *Communication and emotion: Essays in honor of Dolf Zillmann* (pp. 31-59). Mahwah, NJ: Erlbaum
- Campbell, R.G., & Babrow, A.S. (2004). The role of empathy in responses to persuasive risk communication: Overcoming resistance to HIV prevention messages. *Health Communication*, 16, 159-182.
- Davis, M. H. (1980). A multidimensional approach to individual differences in empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, 85.
- Decety, J., & Jackson, P.L. (2006). A Social-Neuroscience Perspective on Empathy. *Association for Psychological Science*, 15, 54-58.
- Doherty, R. W. (1997). The emotional contagion scale: A measure of individual differences. *Journal of Nonverbal Behavior*, 21(2), 131-154.
- Feather, N. T. and R. Sherman (2002). "Envy, resentment, schadenfreude, and sympathy: Reactions to deserved and undeserved achievement and subsequent failure." *Personality and Social Psychology Bulletin* 28(7): 953-961.
- Foster, P. S., Webster, D. G., & Williamson, J. (2002). The psychophysiological differentiation of actual, imagined, an recollected mirth. *Imagination, Cognition & Personality*, 22(2), 163-180.
- Hampes, W. P. (2010). The relation between humor styles and empathy. *Europe's Journal of Psychology*. 6(3), pp. 34-35.
- Hatfield, E., Rapson, R. L., & Le, Y. L. (2009). Emotional contagion and empathy. In J. D. W. Ickes (Ed.), *The social neuroscience of empathy* (pp. 19-30). Cambridge: The Massachusetts Institute of Technology.
- Hatfield, E., Cacioppo, J., & Rapson, R. (1994). *Emotional contagion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hoffman, M. L. (2008). Empathy and Prosocial Behavior. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L.F. Barrett (Ed.), *Handbook of Emotions*. (pp. 440-455). New York: The Guilford

- Press.
- Hoffman, M. L. (1989). Empathy and prosocial activism. In N. Eisenberg, J. Reykowski, & E. Staub (Eds.), *Social and moral values* (pp. 65-86). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Kevrekidis, P., Skapinakis, P., Damigos, D., & Mavreas, V. (2008). Adaptation of the Emotional Contagion Scale (ECS) and gender differences within the Greek cultural context. *Annals of General Psychiatry*, 7(1), 1-6. doi: 10.1186/1744-859X-7-14
- Lang, P.J., Bradley, M.M., & Cuthbert, B.N. (2008). International affective picture system (IAPS): Affective ratings of pictures and instruction manual. Technical Report A-8. University of Florida, Gainesville, FL.
- Leach, C. W., Branscombe, N. R., Spears, R. & Doosje, B. (2003). Malicious Pleasure: Schadenfreude at the suffering of another group. *Journal of Personality and Social Psychology*. 84, 932-943.
- Maio, G. R. and Esses, V. M. (2001), The Need for Affect: Individual Differences in the Motivation to Approach or Avoid Emotions. *Journal of Personality*, 69: 583–614.
- Martin, R. A. (2007). *The Psychology of Humor*. USA: Elsevier.
- Martin, R.A., Puhlik-Doris, P., Larsen, G., Gray, J., & Weir, K. (2003). Individual differences in uses of humor and their relation to psychology well-being: Development of the Humor Styles Questionnaire. *Journal of Research in Personality*, 37(1), 48-75.
- Oliver, M.B., (1993). Exploring the Paradox of the Enjoyment of Sad Films, *Human Communication Research* 19, 315-342.
- Panksepp, J. (Ed.). (1998). Rough-and-Tumble Play. The brain sources of joy. In *Affective Neuroscience* (pp. 280-299). New York: Oxford University Press, Inc.
- Provine, R. R. (Ed.). (2000). Contagious Laughter and the Brain. In *Laughter. A scientific investigation* (pp. 129-151). London: Faber and Faber Limited.
- Rizzolatti, G., & Sinigaglia, C. (Ed.). (2006). Sharing Emotions. In *Mirrors in the brain* (pp.173-193). New York: Oxford University Press.
- Ruch, W., & Proyer, R. T. (2009). Extending the study of gelotophobia: On gelotophiles and katagelasticians. *Humor: International Journal of Humor Research*, 22(1-2), 183-212.
- Schachter, S., & Wheeler, L. (1962). Epinephrine, chlorpromazine, and amusement. *Journal of Abnormal & Social Psychology*, 65 (2), 121-128.
- Sequeira-Martinho, H. (1990). Atividade Eletrodérmica e Psicologia. *Introdução Histórica e Metodologia*. *Jornal de Psicologia*, 9, 3, 3-10.
- Smith, R., Turner, T., Garonzik, R., Leach, C., Urch-Druskat, V., & Weston, C. (1996). Envy and Schadenfreude. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(2), 158-168.
- Van Dijk, W. W., Ouwerkerk, J., Wesseling, Y., & van Koningsbruggen, G. (2011). "Towards understanding pleasure at the misfortunes of others: The impact of self-evaluation threat on schadenfreude." *Cognition & Emotion* 25(2): 360-368.
- Van Dijk, W. W., S. Goslinga, et al. (2008). "Impact of Responsibility for a Misfortune on Schadenfreude and Sympathy: Further Evidence." *Journal of Social Psychology* 148(5): 631-636.
- Van Dijk, W., Ouwerkerk, J., Goslinga, S., Nieweg, M., & Gallucci, M. (2006). When people fall from grace: reconsidering the role of envy in Schadenfreude. *Emotion* Washington Dc,

6(1), 156-160.

Van Dijk, W. W., J. W. Ouwerkerk, et al. (2005). "Deservingness and Schadenfreude."

Cognition & Emotion 19(6): 933-939.

Vaid, J. (1999). The evolution of humor: Do those who laugh last? In D. H. Rosen & M. C.

Luebbert (Eds.), *Evolution of the psyche* (pp.123-138). Westport, CT: Praeger

Publishers/Greenwood Publishing.

Vitaglione, G.D & Barnett, M. A. (2003). Assessing a new dimension of empathy: empathic

anger as a predictor of helping and punishing desires. *Motivation and Emotion*, vol 27, n°

4, 301-325.

Zajonc, R. B. (1968). Attitudinal effects of mere exposure. *Journal of Personality and Social*

Psychology, Vol 9 (2, Pt.2), Jun 1968, 1-27.

Zillmann, D., & Cantor, J. R. (1976). A disposition theory of humour and mirth. In A. J.

Chapman & H. C. Foot (Eds.), *Humour and laughter: theory, research, and applications*

(93-115). London: John Wiley & Sons.

Anexos

ANEXO A - Diferenças entre Grupos nas Respostas aos Vídeos (SAM, NCD, Divertimento, Schadenfreude e Identificação)

	GRUPOS CONSTITUÍDOS EM FUNÇÃO DO PRAZER REPORTADO (SAM- VALÊNCIA)									F		
	GRUPO PRAZER RISO: ATAQUES RISO>ACID. CÔMICOS (N=16)			GRUPO PRAZER RISO E ACIDENTES: ATAQUES RISO = ACID. CÔMICOS (N=12)			GRUPO PRAZER ACIDENTES : ACID. CÔMICOS >ATAQUES RISO (N=25)			Grupo	Vídeo	Grupo X Vídeo
	M	DP	Min-Max	M	DP	Min-Max	M	DP	Min-Max			
SAM – PRAZER (1-9)												
Vídeo Ataques de Riso	7,19	1,11	6,57-7,81	7,67	1,16	6,95-8,38	5,96	1,34	5,47-6,46	8,38**	1,60	62,69***
Vídeo Acidentes Cômicos	4,69	1,49	4,03-5,35	7,67	1,16	6,91-8,43	7,8	1,26	7,27-8,33			
SAM – ACTIVACÃO (1-9)												
Vídeo Ataques de Riso	3,13	2,19	2,03-4,22	3,92	2,28	2,66-5,18	3,44	2,12	2,57-4,31	0,62	4,70*	0,40
Vídeo Acidentes Cômicos	3,81	1,97	2,78-4,85	4,33	2,02	3,14-5,53	4,56	2,12	3,73-5,39			
SAM – DOMÍNIO (1-9)												
Vídeo Ataques de Riso	6,50	1,75	5,59-7,41	6,50	2,11	5,44-7,56	6,67	1,71	5,92-7,41	0,14	4,41*	0,05
Vídeo Acidentes Cômicos	5,94	1,73	4,98-6,89	5,92	1,88	4,82-7,02	6,25	2,01	5,47-7,03			
CONDUTÂNCIA DÉRMICA Δ (SCL-SCLbaseline)												
Vídeo Ataques de Riso	0,64	2,07	-0,6-1,87	2,21	2,97	0,83-3,6	1,59	2,25	0,63-2,55	3,76*	6,05*	0,72
Vídeo Acidentes Cômicos	1,17	2,26	-0,88-3,22	4,73	3,51	2,44-7,03	3,15	4,83	1,56-4,74			
DIVERTIMENTO (1-7)												
Vídeo Ataques de Riso	5,30	1,31	4,71-5,89	5,98	0,65	5,30-6,66	4,81	1,26	4,34-5,28	7,16**	9,31**	17,64***
Vídeo Acidentes Cômicos	3,42	1,47	2,83-4,02	5,54	0,80	4,86-6,23	5,41	1,12	4,94-5,89			
SCHADENFREUDE (1-7)												
Vídeo Ataques de Riso	2,31	1,70	1,57-3,06	2,75	2,05	1,89-3,61	1,92	0,91	1,33-2,52	1,45	13,49**	5,41**
Vídeo Acidentes Cômicos	2,25	1,48	1,19-3,31	3,83	2,55	2,61-5,05	3,76	2,20	2,92-4,61			
IDENTIFICAÇÃO (1-7)												
Vídeo Ataques de Riso	4,89	1,01	4,43-5,35	4,90	1,08	4,37-5,43	4,64	0,76	4,27-5,01	1,30	8,20**	5,23**
Vídeo Acidentes Cômicos	3,79	1,07	3,25-4,33	4,83	1,07	4,21-5,46	4,53	1,08	4,10-4,96			

As respostas foram cotadas de modo a que uma maior pontuação correspondesse a valores mais elevados em cada uma das escalas. Entre parêntesis encontra-se o intervalo possível de resposta em cada escala. SCL – Skin Conductance Level. * $p < ,05$. ** $p < ,01$. *** $p < ,001$.

ANEXO B - Diferenças entre Grupos nas Variáveis Individuais (Empatia, Raiva Empática, Contágio Emocional e Humor)

ESCALAS/SUBESCALAS	GRUPOS CONSTITUÍDOS EM FUNÇÃO DO PRAZER REPORTADO (SAM- VALÊNCIA)									F
	GRUPO PRAZER RISO: ATAQUES RISO>ACID. CÔMICOS (N=16)			GRUPO PRAZER RISO E ACIDENTES: ATAQUES RISO = ACID. CÔMICOS (N=12)			GRUPO PRAZER ACIDENTES : ACID. CÔMICOS >ATAQUES RISO (N=25)			
	M	DP	Min -Max	M	DP	Min-Max	M	DP	Min-Max	
EMPATIA (0-4)										
Tomada de Perspectiva	2,36	0,62	2,04-2,67	2,71	0,58	2,35-3,08	2,59	0,64	2,34-2,85	1,25
Stresse Emocional	1,75	0,73	1,43-2,10	1,5	0,57	1,10-1,90	1,57	0,73	1,29-1,85	0,53
Fantasia	2,64	0,52	2,23-3,05	2,62	0,95	2,14-3,09	2,17	0,91	1,84-2,50	2,09
Preocupação Empática	2,58	0,56	2,27-2,90	3,02	0,58	2,66-3,39	2,50	0,69	2,25-2,76	2,85↑
RAIVA EMPÁTICA (0-4)	2,39	0,57	2,03-2,74	2,83	0,61	2,42-3,23	2,51	0,80	2,23-2,79	1,43
CONTÁGIO EMOCIONAL (1-5)	3,51	0,49	3,23-3,79	3,80	0,56	3,48-4,13	3,41	0,60	3,19-3,63	2,02
Amor	3,85	0,63	3,50-4,21	4,50	0,56	4,09-4,91	4,09	0,80	3,81-4,38	2,89↑
Alegria	3,73	0,51	3,46-4,00	4,14	0,67	3,82-4,45	3,97	0,50	3,76-4,19	2,05
Raiva	3,19	0,66	2,83-3,54	3,06	0,68	2,65-3,48	2,82	0,76	2,53-3,11	1,39
Tristeza	3,38	0,82	2,94-3,81	3,75	0,95	3,25-4,25	2,95	0,83	2,60-3,29	3,77*
HUMOR (1-7)										
Agressivo	3,43	1,14	2,78-4,07	4	1,22	3,26-4,74	4,07	1,39	3,56-4,59	1,33
Autodepreciativo	2,58	1,04	2,06-3,11	2,75	0,91	2,14-3,36	2,49	1,10	2,07-2,91	0,26
Autovalorativo	4,29	1,22	3,76-4,82	4,80	0,65	4,19-5,41	4,53	1,09	4,10-4,95	0,81
Afiliativo	4,46	0,88	3,91-5,01	5,92	0,93	5,28-6,55	5,16	1,27	4,72-5,60	6,10**
DESEJABILIDADE SOCIAL (0-13)	7,44	3,20	5,82-9,06	6,83	3,35	4,96-8,70	6,60	3,18	5,31-7,90	0,33

As respostas foram cotadas de modo a que uma maior pontuação correspondesse a valores mais elevados em cada uma das escalas. Entre parêntesis encontra-se o intervalo possível de resposta em cada escala. * $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$. ↑ $p < 0,07$

ANEXO C - Correlações entre as Variáveis Individuais (Empatia, Raiva Empática, Contágio Emocional e Humor)

	M (DP)	MIN-MAX	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV
EMPATIA (0-4)																
I Tomada de Perspectiva	2,55 (0,63)	1,43-3,71	(0,73)													
II Stresse Emocional	1,60 (0,69)	0-3,60	-0,16	(0,65)												
III Fantasia	2,41 (0,84)	0,80-4	0,02	0,14	(0,76)											
IV Preocupação Empática	2,64 (0,65)	1-4	0,25	0,02	0,35*	(0,66)										
V RAIVA EMPÁTICA (0-4)	2,55 (0,70)	1,33-4	0,18	0,07	0,27	0,70***	(0,78)									
VI CONTÁGIO EMOCIONAL (1-5)	3,53 (0,57)	1,92-4,92	0,03	0,21	0,34*	0,65***	0,62***	(0,84)								
VII Amor	4,11 (0,73)	2,33-5	0,15	0,06	0,23	0,52***	0,52***	0,77***	(0,76)							
VIII Alegria	3,94 (0,55)	3-5	-0,03	-0,09	0,11	0,46**	0,55***	0,68***	0,58***	(0,74)						
IX Raiva	2,99 (0,72)	1-4,75	0,02	0,22	0,31*	,50***	0,47***	0,81***	0,043**	0,34*	(0,66)					
X Tristeza	3,26 (0,90)	1,67-5	-0,05	0,35*	0,36**	0,55***	0,44**	0,83***	0,48***	0,41**	0,60***	(0,62)				
HUMOR (1-7)																
XI Agressivo	3,86 (1,29)	1-6,17	-0,16	0,16	0,21	-0,06	-0,02	-0,11	0,03	-0,09	-0,18	-0,09	(0,77)			
XII Autodepreciativo	2,57 (1,03)	1-4,86	-0,01	0,17	-0,04	0,11	0,15	0,12	-0,04	0,16	0,20	0,04	0,07	(0,76)		
XIII Autovalorativo	4,52 (1,05)	1,83-7	0,34*	-0,18	-0,11	-0,01	0,06	-0,09	0,07	0,23	-0,22	-0,21	-0,03	-0,05	(0,76)	
XIV Afiliativo	5,12 (1,20)	2-7	0,28*	-0,19	0,16	0,20	0,31*	0,13	0,33*	0,19	-0,01	-0,02	0,36**	0,10	0,21	(0,80)
XV DESEJABILIDADE SOCIAL (0-13)	6,91 (3,18)	2-13	0,35*	-0,13	-0,03	0,08	-0,05	-0,11	-0,04	0,01	-0,18	-0,08	-0,35*	-0,23	0,18	-0,17

As respostas foram cotadas de modo a que uma maior pontuação correspondesse a valores mais elevados em cada escala. Entre parêntesis encontra-se o intervalo possível de resposta em cada escala. Os valores entre parêntesis e a negrito correspondem ao alpha de Cronbach (α) $N = 53$.

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

ANEXO D - Correlações nas Respostas face aos Vídeos (SAM, NCD, Divertimento, Schadenfreude e Identificação)

	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>MIN-MAX</i>	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV
SAM – PRAZER (1-9)																
I Vídeo Ataques de Riso	6,72 (1,42)	3-9	-													
II Vídeo Acidentes Cômicos	6,83 (1,92)	2-9	0,14	-												
SAM – ACTIVACÃO (1-9)																
III Vídeo Ataques de Riso	3,45 (2,15)	1-8	0,24	0,05	-											
IV Vídeo Acidentes Cômicos	4,28 (2,04)	1-9	0,21	0,21	0,37**	-										
SAM – DOMÍNIO (1-9)																
V Vídeo Ataques de Riso	6,58 (1,79)	2-9	0,02	-0,15	-0,22	-0,22	-									
VI Vídeo Acidentes Cômicos	6,08 (1,87)	2-9	-0,23	-0,03	-0,28*	-0,30*	0,58***	-								
CONDUTÂNCIA DÉRMICA Δ (SCL - SCL base)																
VII Vídeo Ataques de Riso	1,46 (2,41)	-4,72-7,32	-0,23	0,07	0,14	0,05	-0,17	-0,24	-							
VIII Vídeo Acidentes Cômicos	2,95 (4,09)	-4,34-15,61	0,12	0,32*	0,04	0,31*	-0,10	-0,32*	0,21	-						
DIVERTIMENTO (1-7)																
IX Vídeo Ataques de Riso	5,22 (1,24)	2-7	0,79***	0,22	0,30*	0,38**	-0,11	-0,29*	-0,09	0,21	(0,79)					
X Vídeo Acidentes Cômicos	4,84 (1,49)	1-6,75	0,18	0,84***	0,16	0,24	-0,17	-0,01	0,02	0,37**	0,27	(0,90)				
SCHADENFREUDE (1-7)																
XI Vídeo Ataques de Riso	2,23 (1,49)	1-7	0,20	-0,06	0,18	0,19	0,07	-0,09	0,01	0,09	0,19	0,06	-			
XII Vídeo Acidentes Cômicos	3,32 (2,18)	1-7	0,09	0,33*	0,04	0,13	0,11	-0,02	0,07	0,37**	0,08	0,53***	0,49***	-		
IDENTIFICAÇÃO (1-7)																
XIII Vídeo Ataques de Riso	4,77 (0,91)	2,80-7	0,31*	0,16	0,26	0,34*	-0,23	-0,07	0,11	0,26	0,42**	0,27*	0,10	0,11	(0,70)	
XIV Vídeo Acidentes Cômicos	4,38 (1,13)	1-7	-0,05	0,44**	0,15	0,23	-0,37**	-0,04	0,01	0,07	-0,002	0,44**	0,21	0,11	0,42**	(0,84)
DESEJABILIDADE SOCIAL (0-13)																
	6,91 (3,18)	2-13	0,09	0,10	-0,20	-0,19	-0,03	0,15	-0,21	-0,15	0,06	-0,03	0,01	-0,11	-0,05	-0,07

As respostas foram cotadas de modo a que uma maior pontuação correspondesse a valores mais elevados em cada escala. Entre parêntesis encontra-se o intervalo possível de resposta em cada escala. Os valores entre parêntesis e a negrito correspondem ao alpha de Cronbach (α) $N = 53$, excepto em SAM – Domínio e Actividade Electrodérmica, $N = 52$. SCL – Skin Conductance Level. * $p < ,05$. ** $p < ,01$. *** $p < ,001$.

ANEXO E – Inquérito Inicial

Gostaríamos de contar com a sua colaboração no âmbito de um estudo sobre emoções.

O estudo terá duas fases, sendo que nesta primeira se solicita a resposta ao questionário anexo e na segunda fase, a decorrer posteriormente, o visionamento de breves vídeos com a recolha de alguma informação sobre os mesmos.

Estima-se que o preenchimento do questionário anexo demore cerca de 15 minutos.

Os dados fornecidos são confidenciais e de uso exclusivo para o estudo em causa. Solicita-se apenas que identifique com um código (as três primeiras letras do seu nome próprio e as três primeiras letras do último apelido, acrescido de dia-mês-ano da sua data de nascimento), como abaixo se exemplifica:

Nome: MARGARIDA SOUSA RIBEIRO
Código Pessoal: MAR RIB 07/11/1975

Data Nascimento: 07/11/1975

Preencha agora o seu Código Pessoal: |_|_|_|_| |_|_|_|_|

Data Nascimento: ___/___/_____

A sua participação é de grande utilidade para o nosso estudo, pelo que, desde já, agradecemos!

Poderá aceder aos resultados finais do estudo, bastando para isso que deixe o seu endereço de e-mail neste documento.

Tomei conhecimento sobre a natureza dos dados que me vão ser solicitados e a utilidade que lhe vai ser dada e decidi participar nos estudos:

Data: ___/___/___ Assinatura: _____

e-mail (caso pretenda receber os resultados finais do estudo): _____

Humor e prazer

As frases seguintes pretendem avaliar os seus pensamentos e sentimentos numa variedade de situações. Para cada item pense até que ponto cada um o descreve, escolhendo a letra apropriada da seguinte escala:

A	B	C	D	E
Não me descreve bem				Descreve-me bem

Escolha a letra que melhor reflecte a opinião que tem a seu respeito, em frente a cada frase. **LEIA CADA ITEM CUIDADOSAMENTE ANTES DE RESPONDER.** Responda da forma mais HONESTA possível.

1	Sonho e fantasio, com alguma regularidade, sobre coisas que me poderão suceder.						
2	Tenho, com frequência, sentimentos de preocupação e de afecto por pessoas menos afortunadas do que eu.						
3	Por vezes, sinto dificuldade em ver as coisas pela perspectiva dos outros.						
4	Sinto raiva ao saber que alguém foi magoado(a) nos seus sentimentos por outra pessoa.						
5	Às vezes, não sinto muita pena das outras pessoas quando elas estão com problemas.						
6	Num romance, envolvo-me realmente nos sentimentos das personagens.						
7	Quando deparo com pessoas em situações de emergência, sinto-me, com facilidade, apreensivo(a) e desconfortável.						
8	Sou habitualmente objectivo(a) quando assisto a um filme ou a uma peça e, em geral, não fico completamente absorvido(a).						
9	Se vir alguém danado(a) porque foi maltratado(a), também fico danado(a).						
10	Numa discussão, tento ter em conta as perspectivas de todas as pessoas, antes de tomar uma decisão.						
11	Quando vejo que se estão a aproveitar de alguém sinto-me de certo modo protector em relação a essa pessoa.						
12	Quando estou numa situação muito emocional que envolve outras pessoas, sinto, por vezes, uma sensação de impotência.						
13	Fico irritado(a) quando um amigo(a) meu é magoado(a) por alguém.						
14	Por vezes, procuro compreender melhor os meus amigos imaginando como as coisas são vistas pela sua perspectiva.						
15	Ficar extremamente envolvido(a) num bom livro ou filme é algo que raramente me acontece.						
16	Quando vejo alguém ficar magoado(a) tenho tendência para permanecer calmo(a).						

Humor e prazer

A	B	C	D	E
Não me descreve bem				Descreve-me bem

17	Os infortúnios das outras pessoas geralmente não me perturbam muito.						
18	Sinto raiva quando vejo alguém triste porque foi magoado(a) por outra pessoa.						
19	Se tiver a certeza de que tenho razão acerca de algo, não perco muito tempo a ouvir os argumentos de outras pessoas.						
20	Após assistir a uma peça ou um filme, já senti como se eu fosse uma das personagens.						
21	Estar próximo de pessoas que estejam numa situação emocional tensa, assusta-me.						
22	Quando alguém que eu conheço se irrita com outra pessoa, também fico irritado com essa pessoa.						
23	Às vezes não sinto muita pena quando vejo alguém ser tratado injustamente.						
24	Habitualmente sou muito eficaz a lidar com situações de emergência que envolvem outras pessoas.						
25	Fico, com frequência, sensibilizado(a) por coisas que vejo acontecer.						
26	Acredito que haja dois lados para cada questão e procuro olhar para ambos.						
27	Sinto raiva ao saber que há pessoas que são vítimas de outras pessoas.						
28	Descrever-me-ia como uma pessoa de “coração-mole”.						
29	Quando assisto a um bom filme, consigo facilmente colocar-me no lugar da personagem principal.						
30	Tenho tendência para perder o controlo quando me deparo com pessoas em situação de emergência.						
31	Quando vejo que se estão a aproveitar das pessoas, não fico danado(a) por causa disso.						
32	Quando estou aborrecido(a) com alguém, procuro habitualmente colocar-me no seu lugar.						
33	Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se as situações tivessem acontecido comigo.						
34	Quando vejo alguém numa emergência a precisar desesperadamente de ajuda, descontrolo-me.						
35	Antes de criticar alguém, procuro imaginar a forma como <u>eu</u> me sentiria se estivesse no seu lugar.						

Humor e prazer

Este questionário pretende avaliar um conjunto variado de sentimentos e comportamentos. Não existem respostas certas ou erradas, por isso tente ser o mais honesto(a) que puder nas suas respostas. Leia cada questão e responda fazendo um círculo no número que melhor se aplica a si, utilizando a seguinte escala:

A	B	C	D	E
Nunca	Raramente	Habitualmente	Frequentemente	Sempre

1	Se alguém com quem estou a conversar começa a chorar, fico com os olhos cheios de lágrimas.						
2	Estar com uma pessoa alegre levanta-me a moral quando me sinto em baixo.						
3	Quando alguém me sorri com um ar terno, sorrio-lhe e sinto-me reconfortado(a).						
4	Fico cheio(a) de pena quando as pessoas falam acerca da morte dos seus entes queridos.						
5	Cerro os dentes e fico tenso(a) quando vejo rostos zangados(as) nas notícias.						
6	Quando olho nos olhos da pessoa que amo, fico repleto(a) de pensamentos românticos.						
7	Irrita-me estar próximo de pessoas zangadas.						
8	Ver os rostos assustados de vítimas nas notícias faz com que eu tente imaginar como elas se devem sentir.						
9	Derreto-me quando a pessoa que amo me abraça carinhosamente.						
10	Fico tenso(a) quando ouço uma discussão acesa.						
11	Estar rodeado(a) de pessoas alegres deixa-me cheio(a) de pensamentos felizes.						
12	Sinto que o meu corpo responde quando a pessoa que amo me toca.						
13	Reparo que começo a ficar tenso(a) quando estou próximo de pessoas stressadas.						
14	Choro em filmes tristes.						
15	Ouvir os gritos estridentes de uma criança apavorada na sala de espera de um dentista deixa-me nervoso(a).						

Humor e prazer

Em seguida, encontra uma série de afirmações que se referem aos traços e atitudes pessoais. Leia cada uma delas e decida se essa afirmação é, para si, VERDADEIRA (V) ou FALSA (F), fazendo um círculo em volta da letra à direita que melhor corresponde ao que pensa de si.

1	Por vezes, quando não consigo aquilo que quero, fico com ressentimentos.	V F
2	Em algumas ocasiões, deixei de fazer determinadas coisas por pensar que não tinha capacidade para isso.	V F
3	Houve alturas em que senti vontade de me revoltar contra as pessoas com mais autoridade do que eu, apesar de saber que as mesmas estavam certas.	V F
4	Ouçó sempre com atenção os outros, independentemente de com quem estou a falar.	V F
5	Lembro-me de ocasiões em que fingi estar doente para obter algo que queria.	V F
6	Houve ocasiões em que me aproveitei dos outros.	V F
7	Quando cometo um erro, estou sempre disposto a admiti-lo.	V F
8	Por vezes, tento vingar-me, em vez de perdoar e esquecer.	V F
9	Sou sempre simpático(a), mesmo para as pessoas que são desagradáveis.	V F
10	Nunca me aborreci quando as pessoas expressavam ideias muito diferentes das minhas.	V F
11	Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros.	V F
12	Por vezes, sinto-me irritado(a) quando as pessoas me pedem favores.	V F
13	Nunca disse nada de forma deliberada para magoar os sentimentos de outra pessoa.	V F

Por fim, identifique, por favor, alguns dados pessoais para efeitos estatísticos e identificação/manutenção do grupo na segunda fase do estudo.

Escolaridade (coloque uma cruz): Ensino Básico Ensino Secundário
 Ensino Técnico-Profissional Ensino Superior

Sexo: F M

Idade: _____ anos

Data: ___/___/_____

Obrigada pela sua participação!

ANEXO F – Inquérito 2ª Fase (Visionamento Vídeos)

Agradecemos a sua colaboração neste estudo que pretende avaliar as respostas emocionais e a avaliação de vídeos.

Não há respostas certas ou erradas, apenas queremos que responda honestamente e de forma espontânea.

A informação recolhida será usada apenas para efeitos de investigação, pelo que iremos preservar o anonimato das suas respostas.

Muito obrigada pela sua colaboração.

Para efeitos de cruzamento com os dados anteriormente recolhidos no estudo, agradecemos que nos indique:

Código Pessoal (coloque as três primeiras letras do seu nome próprio e as três primeiras letras do último apelido):

|_|_|_| |_|_|_| (Exemplo: MARGARIDA SOUSA RIBEIRO – Código Pessoal: MAR RIB)

Data Nascimento (dia/mês/ano): ___/___/_____

Sexo: |_| F |_| M

Data: ____/____/____

VÍDEO 1

AVALIE, POR FAVOR, **O QUE SENTIU**, colocando um **CÍRCULO** (ou uma **CRUZ - X**) à volta de um número (entre 1 e 9) em **CADA** uma das **TRÊS DIMENSÕES**:

Muito desprazer/
desagrado

Muito prazer/
agrado

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Muito Calmo

Muito Activado

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Sem controlo /
Dominado

Muito controlado /
Dominator

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Não me diverti

Diverti-me muito

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Humor e prazer

Procure recordar-se do vídeo e responda às seguintes questões. Após cada frase, coloque um círculo no número que melhor reflecte a sua opinião.

Discordo Completamente	Discordo	Discordo de algum modo	Não Discordo Nem Concordo	Concordo de algum modo	Concordo	Concordo Completamente
1	2	3	4	5	6	7

Lembre-se, estas questões referem-se às situações e pessoas apresentadas no vídeo que acabou de ver.

1	Os meus valores ou crenças são semelhantes aos das pessoas que foram apresentadas.																			
2	As situações que vi deram-me alguma satisfação.																			
3	As pessoas que apareceram no vídeo NÃO são como eu ou os meus amigos.																			
4	Gostei das situações que aconteceram àquelas pessoas.																			
5	Conseguo realmente identificar-me com o que foi apresentado.																			
6	Não consegui resistir a sorrir.																			
7	As imagens mostram pessoas que se assemelham muito comigo ou com alguns dos meus amigos.																			
8	Tive mesmo que me rir.																			
9	Não sou muito diferente da pessoa ou pessoas apresentadas no vídeo.																			
10	Senti prazer malicioso com as situações que vi.																			

AVALIE, POR FAVOR, O VÍDEO 1 colocando um **CÍRCULO** (ou uma **CRUZ - X**) à volta de um número (entre 1 e 9) em **CADA** uma das seguintes **CHARACTERÍSTICAS**:

1. O **Grau de Diversão** do vídeo que acabou de ver

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nada Divertido								Muito Divertido

2. A **Gravidade** que atribui às situações que acabou de ver

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nada Grave/ Inconsequente								Muito Grave/ Sérias Consequências

Já tinha visto algum dos excertos apresentados?

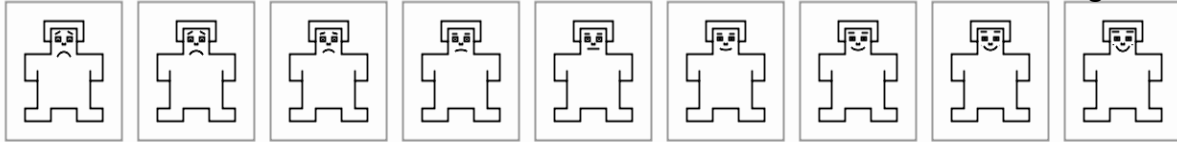
Sim Não

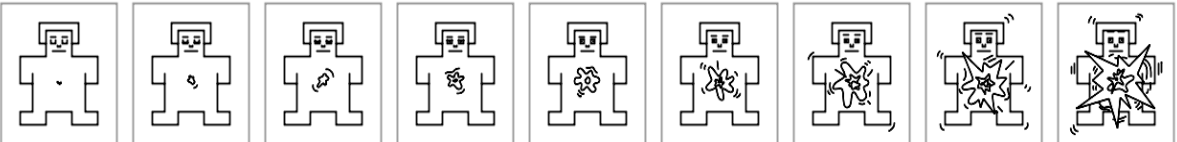
Se respondeu **SIM**, indique o número aproximado de excertos que terá visualizado previamente:

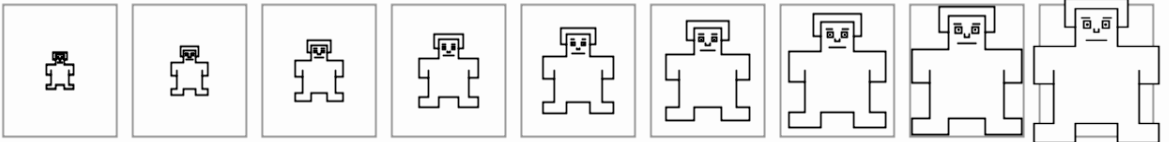
CONFIRME POR FAVOR QUE RESPONDEU A TODAS AS QUESTÕES E EM CASO AFIRMATIVO, PASSE À FASE SEGUINTE, FAZENDO O “ENTER” NO TECLADO.

VÍDEO 2

AVALIE, POR FAVOR, **O QUE SENTIU**, colocando um **CÍRCULO** (ou uma **CRUZ - X**) à volta de um número (entre 1 e 9) em **CADA** uma das **TRÊS DIMENSÕES**:

Muito desprazer/ desagrado	Muito prazer/ agrado
	
1 2 3 4 5 6 7 8 9	

Muito Calmo	Muito Activado
	
1 2 3 4 5 6 7 8 9	

Sem controlo / Dominado	Muito controlado / Dominador
	
1 2 3 4 5 6 7 8 9	

Não me diverti

Diverti-me muito

1 **2** **3** **4** **5** **6** **7** **8** **9**

AVALIE, POR FAVOR, O VÍDEO 2 colocando um **CÍRCULO** (ou uma **CRUZ - X**) à volta de um número (entre 1 e 9) em **CADA** uma das seguintes **CHARACTERÍSTICAS**:

1. O **Grau de Diversão** do vídeo que acabou de ver

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nada Divertido								Muito Divertido


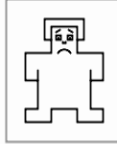
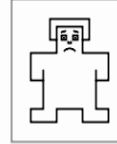
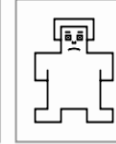
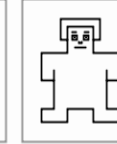
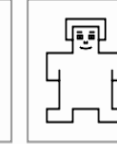
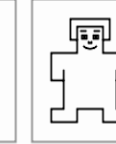
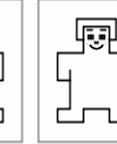
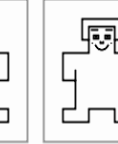
2. A **Gravidade** que atribui às situações que acabou de ver

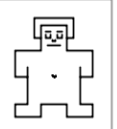
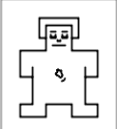
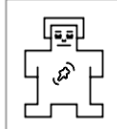
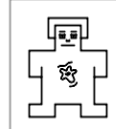
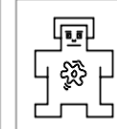
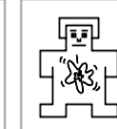
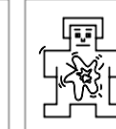
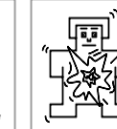

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nada Grave/ Inconsequente								Muito Grave/ Sérias Consequências

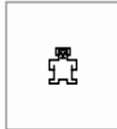
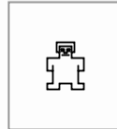
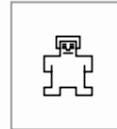
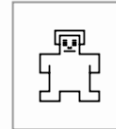
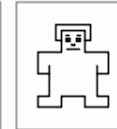
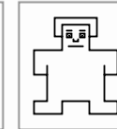
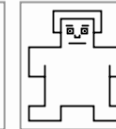
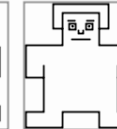
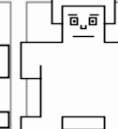
CONFIRME POR FAVOR QUE RESPONDEU A TODAS AS QUESTÕES E EM CASO AFIRMATIVO, PASSE À FASE SEGUINTE, FAZENDO O “ENTER” NO TECLADO.

VÍDEO 3

AVALIE, POR FAVOR, **O QUE SENTIU**, colocando um **CÍRCULO** (ou uma **CRUZ - X**) à volta de um número (entre 1 e 9) em **CADA** uma das **TRÊS DIMENSÕES**:

Muito desprazer/ desagrado					Muito prazer/ agrado			
								
1	2	3	4	5	6	7	8	9

Muito Calmo					Muito Activado			
								
1	2	3	4	5	6	7	8	9

Sem controlo / Dominado					Muito controlado / Dominador			
								
1	2	3	4	5	6	7	8	9

Não me diverti

Diverti-me muito

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Humor e prazer

Procure recordar-se do vídeo e responda às seguintes questões. Após cada frase, coloque um círculo no número que melhor reflecte a sua opinião.

Discordo Completamente	Discordo	Discordo de algum modo	Não Discordo Nem Concordo	Concordo de algum modo	Concordo	Concordo Completamente
1	2	3	4	5	6	7

Lembre-se, estas questões referem-se às situações e pessoas apresentadas no vídeo que acabou de ver.

1	Os meus valores ou crenças são semelhantes aos das pessoas que foram apresentadas.																			
2	As situações que vi deram-me alguma satisfação.																			
3	As pessoas que apareceram no vídeo NÃO são como eu ou os meus amigos.																			
4	Gostei das situações que aconteceram àquelas pessoas.																			
5	Conseguo realmente identificar-me com o que foi apresentado.																			
6	Não consegui resistir a sorrir.																			
7	As imagens mostram pessoas que se assemelham muito comigo ou com alguns dos meus amigos.																			
8	Tive mesmo que me rir.																			
9	Não sou muito diferente da pessoa ou pessoas apresentadas no vídeo.																			
10	Senti prazer malicioso com as situações que vi.																			

AVALIE, POR FAVOR, O VÍDEO 3 colocando um **CÍRCULO** (ou uma **CRUZ - X**) à volta de um número (entre 1 e 9) em **CADA** uma das seguintes **CHARACTERÍSTICAS**:

1. O **Grau de Diversão** do vídeo que acabou de ver

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nada Divertido								Muito Divertido

2. A **Gravidade** que atribui às situações que acabou de ver

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Nada Grave/ Inconsequente								Muito Grave/ Sérias Consequências

Já tinha visto algum dos excertos apresentados?

Sim Não

Se respondeu **SIM**, indique o número aproximado de excertos que terá visualizado previamente:

Humor e prazer

Face às situações que acabou de ver em cada vídeo, avalie, por favor, a correspondência entre cada uma das afirmações e os vídeos.

	VÍDEO 1	VÍDEO 2	VÍDEO 3	NÃO APLICÁVEL
O vídeo apresenta pessoas em situações de riso ininterrupto				
O vídeo apresenta pessoas em situações de acidente				
O vídeo não apresenta pessoas				

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!



Europass-Curriculum Vitae

Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s) Monteiro, Mariana Catalão
 Morada(s) Rua das Salinas, nº 200, 2º D, Alcochete
 Telemóvel 916746578
 Correio(s) electrónico(s) monteirocatalaomariana@gmail.com

Nacionalidade Portuguesa

Data de nascimento 29/01/1969

Sexo Feminino

Experiência profissional

Datas	Desde 2006 até ao momento presente
Função ou cargo ocupado	Directora Marketing
Principais actividades e responsabilidades	Coordenação dos departamentos de Comunicação e Gestão de Clientes (planeamento, implementação e controlo do plano de marketing, gestão da área de contact center)
Nome e morada do empregador	Eurovida – Rua Ramalho Ortigão, 51, Lisboa
Tipo de empresa ou sector	Actividade Seguradora
Datas	Dezembro de 1998 até 2005
Função ou cargo ocupado	Coordenadora Comunicação
Principais actividades e responsabilidades	Coordenação do departamento de Comunicação (planeamento, implementação e controlo do plano de marketing)
Nome e morada do empregador	Eurovida – Lisboa
Tipo de empresa ou sector	Actividade Seguradora
Datas	Maior de 1995 a Novembro de 1998
Função ou cargo ocupado	Gestora do Canal Bancassurance

Principais actividades e responsabilidades	Gestão do canal bancário (definição da gama de produtos a disponibilizar no canal, desenho dos sistemas e processos de funcionamento e gestão/dinamização comercial do canal)
Nome e morada do empregador	Companhia de Seguros Império, SA – Lisboa
Tipo de empresa ou sector	Actividade Seguradora
Datas	Novembro de 1993 a Maio de 1995
Função ou cargo ocupado	Técnica Comercial
Principais actividades e responsabilidades	Acompanhamento de novos canais de distribuição; colaboração em acções comerciais junto de segmentos de clientes e participação em acções de dinamização junto dos canais de distribuição tradicionais.
Nome e morada do empregador	Companhia de Seguros Império, SA – Lisboa
Tipo de empresa ou sector	Actividade Seguradora
Datas	Anos lectivos 1993/92 e 1991/90
Função ou cargo ocupado	Professora Ensino Secundário (Público)
Principais actividades e responsabilidades	Disciplinas Contabilidade, Cálculo Financeiro, OGE e (10º, 11º e 12º anos de escolaridade)
Nome e morada do empregador	Estado
Tipo de empresa ou sector	Ensino
Educação e formação	
Datas	Setembro de 2009 até ao momento
Designação da qualificação atribuída	Mestrado em Psicologia das Emoções
Principais disciplinas/competências profissionais	Conhecimento dos principais modelos teóricos e perspectivas actuais na área do funcionamento afectivo do ser humano, com aplicações em diferentes áreas, nomeadamente nas empresas.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-IUL)
Datas	Junho de 1993
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Organização e Gestão de Empresas
Principais disciplinas/competências profissionais	Área vocacional - Marketing
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE)
Datas	Outubro de 2007
Principais disciplinas/competências profissionais	Fórum Mundial de Alta Performance 2007

Nome e tipo da organização de ensino ou formação	HSM																																																
Datas	Novembro de 2007, Novembro 2006																																																
Principais disciplinas/competências profissionais	Fórum Mundial de Marketing e Vendas 2007 e 2006																																																
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	HSM																																																
Datas	Fevereiro a Maio de 2006																																																
Principais disciplinas/competências profissionais	Treino de Competências Emocionais																																																
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	ISPA																																																
Língua(s) materna(s)	Português																																																
Outra(s) língua(s)																																																	
Auto-avaliação																																																	
<i>Nível europeu</i> (*)																																																	
Inglês																																																	
Espanhol																																																	
Italiano																																																	
	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="4">Compreensão</th> <th colspan="4">Conversaço</th> <th colspan="2" rowspan="2">Escrita</th> </tr> <tr> <th colspan="2">Compreensão oral</th> <th colspan="2">Leitura</th> <th colspan="2">Interacção oral</th> <th colspan="2">Produção oral</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>C1</td> <td>Utilizador avançado</td> <td>C1</td> <td>Utilizador avançado</td> <td>B2</td> <td>Utilizador independente</td> <td>B2</td> <td>Utilizador independente</td> <td>B1</td> <td>Utilizador independente</td> </tr> <tr> <td>B1</td> <td>Utilizador independente</td> <td>B2</td> <td>Utilizador independente</td> <td>A2</td> <td>Utilizador básico</td> <td>A2</td> <td>Utilizador básico</td> <td>A1</td> <td>Utilizador básico</td> </tr> <tr> <td>B2</td> <td>Utilizador independente</td> <td>B2</td> <td>Utilizador independente</td> <td>B2</td> <td>Utilizador básico</td> <td>B1</td> <td>Utilizador independente</td> <td>A1</td> <td>Utilizador básico</td> </tr> </tbody> </table>	Compreensão				Conversaço				Escrita		Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral		C1	Utilizador avançado	C1	Utilizador avançado	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B1	Utilizador independente	B1	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	A2	Utilizador básico	A2	Utilizador básico	A1	Utilizador básico	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador básico	B1	Utilizador independente	A1	Utilizador básico
Compreensão				Conversaço				Escrita																																									
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral																																											
C1	Utilizador avançado	C1	Utilizador avançado	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B1	Utilizador independente																																								
B1	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	A2	Utilizador básico	A2	Utilizador básico	A1	Utilizador básico																																								
B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B2	Utilizador básico	B1	Utilizador independente	A1	Utilizador básico																																								
	(*) <u><i>Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)</i></u>																																																
Aptidões e competências sociais	Comunicação Iniciativa/proactividade																																																
Aptidões e competências de organização	Planeamento e coordenação do trabalho Gestão de projectos e equipas																																																
Aptidões e competências técnicas	Comunicação técnica de seguros (Ramo Vida e Não Vida)																																																
Aptidões e competências informáticas	Domínio do excel, word, powerpoint																																																